

Catarina Vieira Monteiro



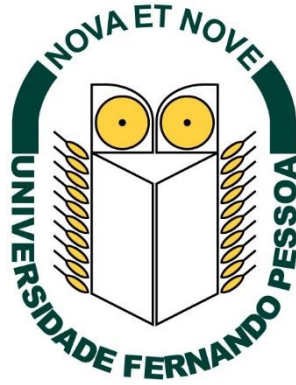
**Práticas Parentais e Problemas Emocionais e do  
Comportamento:  
A Perspetiva de Adolescentes**

Universidade Fernando Pessoa

2021



Catarina Vieira Monteiro



**Práticas Parentais e Problemas Emocionais e do  
Comportamento:  
A Perspetiva de Adolescentes**

Universidade Fernando Pessoa

2021

Catarina Vieira Monteiro

# **Práticas Parentais e Problemas Emocionais e do Comportamento: A Perspetiva de Adolescentes**

---

Catarina Vieira Monteiro

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Susana Marinho.

## Resumo

A literatura defende que o comportamento parental está intimamente relacionado com o desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento no adolescente, o que realça o papel dos pais no exercício das práticas parentais. Dada a pertinência do tema, o presente estudo teve como principal objetivo perceber se existe uma relação entre a percepção das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização em adolescentes. A amostra de participantes contemplou 60 adolescentes, 37 raparigas (61,7%) e 23 rapazes (38,3%) de um agrupamento de escolas do norte do país, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Foram usados como instrumentos de recolha de dados um Questionário Sociodemográfico, o EMBU-A e o SDQ-Autorrelato.

Os resultados do estudo mostram que existe uma relação entre as práticas parentais percebidas pelos adolescentes e a manifestação de problemas de internalização e de externalização nos mesmos. Verificou-se ainda que os adolescentes percebem maior suporte emocional e sobreproteção em relação à mãe e uma maior rejeição em relação ao pai, assim como não apresentam diferenças significativas na manifestação de problemas de internalização e de externalização, apesar dos valores nos problemas de externalização serem ligeiramente superiores. Quanto à percepção das práticas parentais verifica-se que não existem diferenças significativas em função do sexo e da idade. Os resultados indicam ainda a inexistência de diferenças significativas quanto à manifestação de problemas de internalização e de externalização em função do sexo e da idade.

Conclui-se que a manifestação de problemas de internalização e de externalização parecem estar intimamente relacionadas com as práticas parentais percebidas pelos adolescentes, nomeadamente que uma elevada percepção de rejeição e de sobreproteção parental, parecem estar associadas positivamente com a manifestação de problemas de internalização e de externalização, estando o suporte emocional inversamente relacionado com a manifestação de problemas de internalização e externalização.

**Palavras-chave:** Adolescência, Práticas Parentais, Problemas de Internalização, Problemas de Externalização.

## **Abstract**

The literature defends that parental behavior is closely related to the development of emotional and behavioral problems in adolescents, which highlights the role of parents in exercise of parenting practices. Given the relevance of the topic, the main objective of this study was to understand if there is a relationship between the perception of parental practices and the manifestation of internalizing and externalizing problems in adolescents. The sample of participants included 60 adolescents, 37 girls (61.7%) and 23 boys (38.3%) of a cluster of schools in the north of the country, aged between 12 and 16 years. A Sociodemographic Questionnaire, the EMBU-A and the SDQ-Self-Report were used as instruments of data collection.

The results of the study show that there is a relationship between the parenting practices perceived by adolescents and the manifestation of internalizing and externalizing problems in them. It was also found that adolescents perceive greater emotional support and overprotection in relation to the mother and greater rejection in relation to the father, as well as they do not present significant differences in the manifestation of internalization and externalization problems, despite the values in the externalization problems being slightly higher. As for the perception of parenting practices, it appears that there are no significant differences in terms of sex and age. The results also indicate the inexistence of significant differences regarding the manifestation of internalizing and externalizing problems as a function of sex and age.

It is concluded that the manifestation of internalizing and externalizing problems seem to be closely related to the parenting practices perceived by adolescents, namely that a high perception of rejection and parental overprotection seem to be positively associated with the manifestation of internalization and parental problems. externalization, with emotional support being inversely related to the manifestation of internalization and externalization problems.

**Keywords:** Adolescence, Parental Practices, Internalizing Problems, Externalizing Problems.

## **Agradecimentos**

Depois de terminada esta fase de aprendizagem, de crescimento pessoal e profissional, não posso deixar de agradecer a todos os que estiveram presentes ao longo de todo este percurso:

Primeiramente, aos meus pais, por tornarem tudo isto possível, por todo o apoio incondicionalmente ao longo destes anos, com altos e baixos e sobretudo por me ensinarem a ser resiliente e a nunca desistir de alcançar os meus objetivos.

À minha irmã, por todo o apoio, pelas conversas mas principalmente pelo exemplo de pessoa é para mim.

À Professora Susana Marinho, o meu muito obrigada pela orientação, disponibilidade e incentivo, pelos momentos de ajuda e pelas valiosas contribuições para a realização deste trabalho.

Às minhas parceiras Patrícia Cunha e Maria João Marques, pelo companheirismos, por estarem ao meu lado nos bons e maus momentos, pelas palavras de apoio e por todos os momentos de diversão.

À Márcia, por teres estado presente ao longo de todos estes anos, por todo o carinho e apoio que sempre me destes.

Por último, à Universidade Fernando Pessoa, a casa que me acolheu e me fez crescer, enquanto pessoa e como profissional, pelas aprendizagens e oportunidades de formação e pelas amizades que levo para a vida.

## Índice

|                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| Introdução .....                                                     | 1         |
| <b>1ª Parte: Enquadramento Conceptual.....</b>                       | <b>3</b>  |
| Capítulo I – Família e Adolescência.....                             | 4         |
| 1.1. Família e Parentalidade.....                                    | 4         |
| 1.2. Estilos Educativos Parentais .....                              | 8         |
| 1.3. Práticas Parentais .....                                        | 12        |
| Capítulo II – Psicopatologia do Desenvolvimento na Adolescência..... | 19        |
| 2.1. Problemas de Externalização .....                               | 20        |
| 2.2. Problemas de Internalização .....                               | 23        |
| <b>2ª Parte: Estudo Empírico .....</b>                               | <b>25</b> |
| Capítulo III – Metodologia.....                                      | 26        |
| 3.1. Metodologia.....                                                | 26        |
| 3.2. Objetivos da Investigação.....                                  | 26        |
| 3.3. Questões de Investigação.....                                   | 27        |
| 3.4. Método.....                                                     | 28        |
| 3.4.1. Participantes .....                                           | 28        |
| 3.4.2. Instrumentos .....                                            | 30        |
| 3.4.3. Procedimento.....                                             | 33        |
| Capítulo IV – Apresentação e Discussão de Resultados .....           | 34        |

|                                           |           |
|-------------------------------------------|-----------|
| 4. Resultados.....                        | 34        |
| 4.1. Análise exploratória dos dados ..... | 34        |
| 4.2. Estatística inferencial .....        | 36        |
| 4.3. Discussão de resultados .....        | 47        |
| Conclusão .....                           | <b>53</b> |
| Bibliografia.....                         | <b>56</b> |
| Anexos.....                               | <b>72</b> |

## Índice de Tabelas

|                                                                                                                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1.</b> Caraterização sociodemográfica da amostra de adolescentes                                                                                    | 28 |
| <b>Tabela 2.</b> Distribuição das idade dos adolescentes e pais                                                                                               | 29 |
| <b>Tabela 3.</b> Caraterização sociodemográfica da amostra de adolescentes                                                                                    | 29 |
| <b>Tabela 4.</b> Distribuição dos itens do EMBU-A pelas dimensões                                                                                             | 32 |
| <b>Tabela 5.</b> Valores do teste de normalidade das práticas parentais (teste de <i>Shapiro-Wilk</i> )                                                       | 35 |
| <b>Tabela 6.</b> Valores do teste de normalidade da internalização e externalização (teste de <i>Shapiro-Wilk</i> )                                           | 36 |
| <b>Tabela 7.</b> Associação das dimensões parentais e da internalização e externalização                                                                      | 37 |
| <b>Tabela 8.</b> Valores de disperção das práticas parentais                                                                                                  | 38 |
| <b>Tabela 9.</b> Valores de dispersão da internalização e externalização                                                                                      | 41 |
| <b>Tabela 10.</b> Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à perceção das práticas parentais ( <i>U Mann-Whitney</i> )                              | 42 |
| <b>Tabela 11.</b> Valores médios nas dimensões das práticas parentais (rapazes, raparigas)                                                                    | 42 |
| <b>Tabela 12.</b> Diferenças na perceção das práticas parentais em função da idade ( <i>U Mann-Whitney</i> )                                                  | 43 |
| <b>Tabela 13.</b> Valores médios nas dimensões das práticas parentais (faixa etária)                                                                          | 44 |
| <b>Tabela 14.</b> Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à manifestação de problemas de internalização e externalização ( <i>U Mann-Whitney</i> ) | 45 |
| <b>Tabela 15.</b> Valores médios na manifestação de problemas de internalização e externalização (rapazes, raparigas)                                         | 45 |
| <b>Tabela 16.</b> Diferenças na manifestação de problemas de internalização e de externalização em função da idade ( <i>U de Mann-Whitney</i> )               | 46 |

|                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 17.</b> Valores médios na manifestação de problemas de internalização e de externalização (faixa etária) | 46 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **Índice de Gráficos**

|                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1.</b> Médias das dimensões das práticas parentais em relação ao pai e à mãe | 40 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **Introdução**

A adolescência é considerada uma etapa do desenvolvimento caracterizada por mudanças rápidas e intensas a nível físico, emocional, social e cognitivo. É nesta fase que a sua aparência se altera, as capacidades de pensar e compreender são mais amplas, bem como também é uma fase em que os adolescentes se começam a afastar dos seus progenitores, criam novas relações com os pares e experienciam novas emoções e criam novas relações com os seus pares.

No entanto, a família é o primeiro contexto em que os jovens interagem socialmente, mas também onde permanecem durante mais tempo, sendo que é no seio familiar que os adolescentes adquirem e aprendem as primeiras normas e valores, que vão ser essenciais para o seu desenvolvimento.

Para falarmos das práticas parentais é essencial falar da família. A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos adolescentes e ao longo da história, tem-se verificado que o conceito de família sofre alterações à medida que os valores sociais se modificam, uma vez que a sua origem é diferente em aspetos culturais e sociais (De Marques, 2006). Tal como a família, o papel dos progenitores no contexto familiar também sofre constantes transformações. Ser pai e mãe é um processo que se aprende e constrói (Donald & Mancuso, 1987) e é através do equilíbrio dos papéis parentais que se poderá alcançar a estabilidade das práticas parentais. Independentemente das práticas parentais que são exercidas pelos pais, estes transmitem aos adolescentes determinadas características particularidades que vão contribuir para o seu desenvolvimento e funcionamento global (Winsler et al., 2006).

A adolescência é também marcada por um período vulnerável para o desenvolvimento de problemas psicológicos, devido às diversas mudanças sociais, biológicas e psicológicas

que ocorrem nesta fase (Gerard & Buehler, 2004). No domínio da Psicopatologia do Desenvolvimento, foram identificadas duas dimensões nas dificuldades de ajustamento socioemocional das crianças e adolescentes: os problemas de internalização, que estão relacionados com as emoções e pensamentos, e os problemas de externalização, relacionados com os problemas de comportamento (Achenbach & Edelbrock, 1978). De acordo com a literatura, os problemas emocionais e de comportamento tendem a aumentar na adolescência (Đurišić & Gajić, 2016; APA, 2014).

Partindo destes pressupostos, o presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre a perceção das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização em adolescentes.

Esta dissertação está organizada em duas partes: o enquadramento conceitual e o estudo empírico. Na primeira parte deste estudo apresenta-se uma revisão bibliográfica efetuada para este estudo, subdividida em capítulos. O primeiro capítulo refere-se às questões da família e parentalidade, onde serão abordados os conceitos de estilos educativos parentais e de práticas parentais. O segundo capítulo aborda a psicopatologia do desenvolvimento na adolescência, onde são inseridos os conceitos de internalização e de externalização. Como tal, nestes capítulos, procurou-se efetuar uma revisão de estudos nas áreas referidas, de forma a que se relacionassem com os temas e fundamentassem o estudo empírico.

Na segunda parte deste trabalho – estudo empírico – é explicado o método utilizado, caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados, a análise e tratamento dos dados recolhidos e discussão dos resultados, tendo por base o enquadramento conceitual. Por fim, serão apresentadas as conclusões relativas ao estudo, bem como análise de limitações e propostas para pesquisas futuras.

## **1ª Parte: Enquadramento Conceptual**

---

## **Capítulo I – Família e Adolescência**

### **1.1. Família e Parentalidade**

Quando falamos de família, associamos facilmente ao lugar onde nascemos e crescemos. A família abrange um conjunto de afetos e emoções e é um contexto que nos vai dando um sentimento de pertença a uma determinada família e que nos molda (Alarcão, 2002, cit in Azevedo, 2012). A adolescência é uma das etapas mais difíceis no ciclo vital de uma família, sendo marcada por um período de grandes mudanças e transições que envolvem constantes alterações, quer ao nível físico como também cognitivo e psicossocial (Alarcão, 2002; Papalia et al., 2001).

Para além das características intrapessoais que são consideradas no desenvolvimento humano dos sujeitos, os contextos sociais e os processos interativos em que os sujeitos crescem têm um fator determinante no seu desenvolvimento humano. A família tem um papel fundamental no desenvolvimento, seja ao nível cognitivo como ao nível psicossocial no sujeito (Soares & Almeida, 2011). É com a família que se fazem as primeiras aprendizagens, que se estabelecem as primeiras interações significativas e as primeiras relações interpessoais (Alarcão, 2002). São estas relações que ajudam a promover o desenvolvimento social, emocional e intelectual com os filhos /menores/descendentes, surgindo assim os primeiros vínculos emocionais e relações sociais (Parke & Buriel, 2006; Teti, 2002 cit in Santos, 2016).

A família é a base da formação de qualquer ser humano, uma vez que é onde se fazem as primeiras aquisições de hábitos, valores e costumes (Rozemberg et al., 2013). Este conceito de família nasce das variedades culturais e sociais que vai-se alterando à medida

que os valores sociais se modificam. Sendo que, esses valores, também se vão transformando ao longo dos tempos, de forma a acompanhar as mudanças nas diversas sociedades. (Hernández et al., 2008; Parke, 2002, cit in Santos, 2016).

Segundo Minuchin (1982, pp.57), “a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem”. Segundo o autor, a família constitui um sistema organizado hierarquicamente, composto por subsistemas que estão em constante interação: o subsistema individual (referente a cada membro e a sua individualidade), o subsistema parental (entre pais e filhos), o conjugal (entre marido e mulher) e o fraternal (entre irmãos) (Fiorini & Guisso, 2016).

O subsistema parental, no microssistema familiar, tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e adolescentes, tendo como principais funções dar-lhes segurança e educação (Alarcão & Gaspar, 2007). Segundo Alarcão (2000), “é a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto da relação vertical. É também no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e de pertença familiar” (p.53).

Uma das funções desempenhadas pela família é o processo de parentalidade, sendo que os pais, como principais cuidadores das crianças e adolescentes, influenciam o seu desenvolvimento (Azevedo, 2012)

“Parentalidade” não é um termo fácil de definir. Hoghughi (2004, cit. in Barroso & Machado, 2010) define como sendo o conjunto de “atividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança”.

Por sua vez, Alarcão (2006) define a parentalidade como um “modelo de funcionamento que pressupõe o desempenho das funções executivas, como proteção, educação,

integração na cultura familiar, relativamente às gerações mais novas” (p.353). Este modelo de parentalidade na família vai também sendo reestruturado e adaptado tendo em conta os contextos que são vivenciados e em função do estágio de evolução familiar (Alarcão, 2006).

Cruz (2005) refere também que a parentalidade é o “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p.13). Esta autora salienta a importância de promover o desenvolvimento recorrendo, não só ao núcleo familiar, mas também a outros contextos onde as crianças e adolescentes possam estar inseridos.

A parentalidade tem como papel desenvolver ou educar, sendo que os indivíduos assumem o papel parental e as funções relacionadas com o mesmo, de modo a responder às necessidades das crianças, possibilitando o seu desenvolvimento (Hoghughi, 2004; Cruz, 2005; Ramey, 2002, cit in Santos, 2016).

Associada à família e à parentalidade, para falarmos de estilos e práticas parentais, temos que falar também de comportamento parental. Os estudos do comportamento parental referem-se à relação pais-filhos (Parke, 2002, cit in Santos, 2016).

Segundo Rutter (1989), o comportamento parental diz respeito aos cuidados que são prestados à criança, sendo que implica proporcionar à criança um ambiente adequado ao seu desenvolvimento social e cognitivo, responder às suas necessidades e dificuldades nas interações sociais (Pires, 1990).

O afeto e a cognição são os processos que direcionam o comportamento parental (Grych, 2002). Existem três características que determinam os processos parentais como importantes no desenvolvimento da criança, sendo elas os valores e objetivos parentais,

os estilos educativos parentais e as práticas parentais. No que diz respeito aos objetivos parentais, estes têm como propósito transmitir um conjunto de valores, desde as necessidades básicas ao respeito pelos valores socialmente aceites pela comunidade (Ceballos & Rodrigo, 2008). Segundo Darling e Steinberg (1993) são os valores e os objetivos que vão influenciar os estilos e as práticas parentais.

Apesar de os estilos e as práticas parentais estarem relacionados, são conceitos diferentes. Darling e Steinberg (1993) referem que é importante fazer essa distinção e definem os estilos parentais como “um conjunto de atitudes que são comunicadas à criança/jovem e que todas juntas criam um clima emocional, no qual os pais atuam de determinada forma”. Por sua vez, de acordo com os mesmos autores, as práticas parentais dizem respeito aos “comportamentos com objetivos específicos através dos quais os pais expressam os seus deveres parentais” (Darling & Steinberg, 1993), ou seja, é a forma como os pais atuam sobre os filhos em determinadas situações e contextos sociais (Ballash et al., 2006).

Assim, podemos dizer que as atitudes parentais têm influência sobre o comportamento das crianças e adolescentes e ganham expressividade através do mesmo (Locke & Prinz, 2002, cit in Santos, 2016). As práticas parentais estão relacionadas com a ação, enquanto o estilo parental relaciona-se com a forma como os pais executam essas ações. Assim sendo, as práticas parentais é o que os pais fazem (p.e. recompensar, punir) e o estilo parental é a forma como o fazem (p.e. com afeto, agressividade) (Locke & Prinz, 2002; Darling & Steinberg, 1993). Para Locke & Prinz (2002) os estilos parentais têm um efeito mais indireto no desenvolvimento das características específicas e do comportamento das crianças e adolescentes, enquanto as práticas parentais têm um efeito mais direto (Santos, 2016).

Quando falamos de comportamento parental, existem duas abordagens que podem ser mencionadas: a abordagem tipológica, que permite definir os tipos de estilos educativos

parentais e a abordagem dimensional, que apresenta duas dimensões das práticas parentais: as dimensões de suporte/afeto e de controle dos pais para com os filhos (Simões, 2011), como veremos no ponto seguinte.

## **1.2. Estilos Educativos Parentais**

No estudo da influência das interações pais-filhos no desenvolvimento das crianças e adolescentes é frequentemente utilizada a abordagem tipológica atrás referida, que pressupõe que, os pais diferem em determinadas dimensões comportamentais na interação com os filhos e que, quando combinados esses comportamentos entre si, permitem determinar o estilo educativo parental (Ducharme et al., 2006). Os estilos educativos parentais e as dimensões do comportamento parental têm aparecido, em muitos estudos, como fundamentais determinantes no desenvolvimento e adaptação da criança como também do adolescente (Ducharme et al., 2006; Cruz, 2005).

O termo “estilos parentais” está relacionado com a forma como os pais lidam com as questões de poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos. Os estilos parentais refletem, conseqüentemente, o contexto em que os pais influenciam seus filhos através das suas práticas, de acordo com as suas crenças e valores (Böing & Crepaldi, 2016). Deste modo, podemos então dizer que os estilos parentais estão também relacionados com as práticas parentais, sendo que estes dois andam de “mão dada” no que toca à educação das crianças e dos adolescentes.

Os estilos parentais não envolvem apenas as práticas parentais (por exemplo, reforços e punições), abrangem também outros aspetos da interação entre os pais e filhos, como: tom de voz, cuidado e atenção prestados, linguagem corporal, e até mudanças de humor

(Darling & Steinberg, 1993, cit in Moreira, 2014). A partir das práticas parentais podemos perceber os estilos parentais, uma vez que as práticas parentais são prestadas habitualmente pelos pais (Pereira, 2009; Darling & Steinberg, 1993, cit in Moreira, 2014).

Os estilos educativos parentais e as dimensões comportamentais e emocionais que os definem têm surgido como determinantes fundamentais do desenvolvimento e adaptação da criança e do adolescente (Prata et al., 2013). Baumrind (1991) distinguiu os estilos dos pais em: autoritário (alto controle e menos aceitação), autoritativo ou autorizado (alto controle e alta aceitação) e permissivo (controle baixo e alta aceitação). Mais tarde foi também incluído o estilo negligente (baixo controle e baixa aceitação) (Gaspar & Matos, 2016).

O estilo autoritário é caracterizado pelo controlo e modelagem do comportamento da criança e recorre, por vezes, a medidas de punição verbais ou físicas no sentido de restringir a vontade da própria criança. Os pais valorizam a obediência absoluta como virtude, exigindo da criança uma maturidade elevada e as manifestações de afeto são pouco frequentes. Relativamente à comunicação, estes pais de estilo autoritário pressupõem que a criança deve aceitar a sua palavra e normas incontestavelmente, ou seja, a opinião da criança não é encorajada e estes pais são da opinião de que a criança deve aceitar aquilo que os próprios pais acham que está certo (Cruz, 2005; Cruz et al., 2018; Gaspar & Matos, 2016).

O estilo autoritativo/autorizado caracteriza-se pelo estabelecimento de normas e limites de comportamento dentro de um clima afetivo e com comunicação positiva. Estes pais impõem elevadas exigências de maturidade, mas também têm em consideração as necessidades, interesses e capacidades do menor. Ou seja, estes pais acabam por orientar as atividades das crianças de forma racional e, ao mesmo tempo, encorajando a sua independência e individualidade. Os pais de estilo autoritativo valorizam a vontade da

criança, encorajam as trocas verbais e partilham com a criança as razões das suas decisões (Baumrind, 1991, 2013; Cruz, 2005; Cruz et al., 2018; Gaspar & Matos, 2016).

Os pais de estilo permissivo não estabelecem normas, aceitam as atitudes da criança e não exigem maturidade da mesma. Neste estilo, existe comunicação e relações de afetividade com os filhos, no entanto os pais não se apresentam como modelo, evitando assim ter atitudes de controlo, acabando por ser a criança a gerir o seu próprio comportamento. Assim, podemos dizer também que os pais acabam por ser apenas um recurso que os filhos podem utilizar quando o desejam, do que como agentes ativos e responsáveis pela influência no comportamento atual ou futuro da criança (Baumrind, 1991, 2013; Cruz, 2005; Cruz et al., 2018; Gaspar & Matos, 2016).

Este estilo dividiu-se, posteriormente em indulgente e negligente, sendo que o indulgente refere-se a pais que respondem aos pedidos da criança sem imposição de normas ou deveres e não se comportam como modelos de comportamento perante a criança (Baumrind, 1991, 2013; Cruz, 2005; Cruz et al., 2018; Gaspar & Matos, 2016).

No estilo negligente, que foi definido mais tarde por Maccoby e Martin (1983), estes pais possuem características de desresponsabilização contínua ao longo do desenvolvimento da criança, acabando por apenas assegurar as necessidades básicas da mesma (necessidades físicas, sociais, psicológicas e intelectuais básicas). Estes pais são então caracterizados por apresentarem baixos níveis de exigência, assim como por terem comportamentos ativos de rejeição das crianças. (Baumrind, 1991, 2013; Cruz, 2005; Cruz et al., 2018; Gaspar & Matos, 2016; Weber et al., 2004).

A teoria de Baumrind é muito importante, pois contribui para o desenvolvimento de programas de intervenção, a maioria com base no estilo autoritativo, uma vez que é o

estilo parental que melhor demonstrou resultados positivos nas crianças a nível escolar e social (Gaspar & Gaspar de Matos, 2016).

Em estudos de Steinberg e Dornbush (1994), o estilo autoritativo parece promover desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, sendo que se encontra positivamente relacionado com a maturidade e competência psicossocial, autoconfiança, rendimento escolar e comportamentos de saúde (Soares & Almeida, 2011).

Segundo a literatura, este estilo tem-se demonstrado mais adequado visto que aumenta da eficácia da parentalidade (Darling & Steinberg, 1993), uma vez que os pais agem de forma a que haja um equilíbrio entre a capacidade de respostas e exigências nos filhos. Este estilo parece também promover melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental nos adolescente, ou seja, estes acabam por se sentir mais confiantes e competentes nas suas competências, assim como se envolvem menos em situações problemáticas (e.g., Baumrind, 1966, 2005; Maccoby & Martin, 1983; Steinberg et al., 1991, cit in Moreira, 2014).

Na definição dos estilos parentais, Maccoby e Martin (1983) consideram também que podemos distingui-los em dimensões de monitorização/exigência e aceitação/responsabilidade (Soares & Almeida, 2011).

A dimensão de monitorização/exigência está relacionada com o controlo que é exercido pelos pais relativamente ao cumprimento das regras sociais e das normas morais, ou seja, no sentido de perceber os contextos que frequentam e os tipos de comportamentos dos filhos (Ducharme et al., 2006).

A investigação refere existir uma relação negativa entre os níveis de monitorização e problemas de comportamento, isto é, os baixos níveis de supervisão parental parecem estar associados a elevados comportamentos disruptivos nos jovens, como

comportamento delinquente, fraco rendimento escolar e abuso de substâncias (Crouter & Head, 2002).

Relativamente à dimensão de aceitação, nesta encontramos o domínio afetivo-emocional que diz respeito à sensibilidade dos pais em relação às necessidades e interesses dos filhos, incluindo também o suporte emocional e os comportamentos de afeto positivo (Soares & Almeida, 2011). Na adolescência, esta resposta por parte dos pais, inclui também a sensibilidade às necessidades de autonomia psicológica e comportamental dos adolescentes, que tem mostrado ser uma dimensão de promoção da autonomia, como por exemplo o incentivo à tomada de decisão autónoma (Cruz et al., 2018).

Na investigação de Soares e Almeida (2011), realizada em dois momentos diferentes em adolescentes no 7º e 9º ano de escolaridade, verificaram que a perceção dos mesmos acerca das dimensões de aceitação e monitorização parentais, variam ao longo da adolescência, alterando também a atribuição dos estilos educativos que lhes correspondem.

### **1.3. Práticas Parentais**

Os estilos parentais são, em parte, manifestados através das práticas parentais, uma vez que estas se manifestam nos comportamentos parentais específicos dirigidos para objetivos (Darling & Steinberg, 1993; Hoff et al., 2002, cit in Moreira, 2014)).

As práticas parentais referem-se aos comportamentos específicos orientados por objetivos, onde os pais tentam cumprir as suas responsabilidades parentais nos contextos específicos. Por vezes, as práticas parentais são também denominadas de estratégias

educativas ou de socialização, pois os pais utilizam estratégias e técnicas de forma a orientar o comportamento dos filhos. Estas estratégias são então usadas em determinadas situações, com objetivos definidos, tendo como função transmitir aos filhos a forma como os pais pretendem que eles se comportem (Darling & Steinberg, 1993; Rodrigo et al., 1999, cit in Simões, 2011).

É no ambiente familiar proporcionado pelos pais que as práticas parentais se manifestam nos comportamentos que estes têm perante as atitudes dos filhos (Darling & Steinberg, 1993; Hoff et al., 2002).

As práticas parentais podem influenciar o comportamento dos menores em determinadas situações, enquanto que os estilos parentais atuam na eficácia das tentativas de socialização dos pais, de forma a proporcionar um ambiente onde os filhos são educados e se vão desenvolvendo (Darling & Steinberg, 1993).

Segundo Darling e Steinberg (1993), as práticas parentais têm uma implicação direta no desenvolvimento de comportamentos específicos das crianças (como regras de etiqueta, desempenho académico) e nas suas características (aquisição de valores, autoperceção), uma vez que as práticas parentais são os comportamentos que os pais têm e que auxiliam os filhos a alcança as suas metas de socialização (Moreira, 2014).

A literatura refere que o comportamento parental está intimamente relacionado com o comportamento da criança, o que salienta o papel dos cuidadores no exercício das práticas parentais (*American Academy of Pediatrics*, 2005, cit in Gaspar & Matos, 2016).

Steinberg (2001) refere também que as práticas parentais são comportamentos socializadores e que se demonstram no apoio, disciplina e nas interações com os adolescentes (Lacerda 2005).

Os estudos realizados referem que o bem-estar subjetivo, a qualidade de vida e a saúde mental das crianças e adolescentes são influenciadas pelas práticas parentais (Gaspar et al, 2010; Khodabakhsh et al., 2014; Newman et al, 2008, cit. in Gaspar & Matos, 2016).

Nas práticas parentais podem ser consideradas cinco funções (Bornstein, 2002; Parke & Buriel, 1998). A primeira função diz respeito à satisfação das necessidades mais básicas de higiene, alimentação e conforto, sendo que, quando não são cumpridas estas necessidades, por vezes são observadas situações de carência ou até mesmo de negligência. A segunda função está relacionada com os pais disponibilizarem à criança um mundo físico organizado, com espaços, objetos e tempos que proporcionem a existência de rotinas. A terceira função diz respeito às necessidades de interação social entre pais-filhos e interação com a comunidade. A família serve de modelo e é o contexto onde são adquiridas as normas e valores para, posteriormente, servirem de bases para a convivência social. A quarta função está associada à resposta às necessidades de compreensão cognitiva da família e do mundo. Por fim, a quinta função está relacionada com a satisfação das necessidades de afeto, segurança e confiança, que resultam das relações de vinculação (Lacerda, 2005). Assim, podemos dizer que os pais podem desempenhar vários papéis. Os pais exercem um papel de segurança no que se refere a prestar cuidados e a responder às necessidades das crianças e adolescentes. No entanto, os pais também têm como função orientar os filhos na aquisição de normas e valores, de forma a que estes também se sintam mais capazes nas suas interações sociais.

Como referido anteriormente, para além da abordagem tipológica, a abordagem dimensional está também associada ao comportamento parental e às práticas parentais. Esta abordagem permite identificar o impacto que as dimensões do comportamento têm no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Santos, 2016). A abordagem

dimensional caracteriza-se pelas dimensões de suporte ou afeto (afeto – hostilidade) e controlo (permissividade – restritividade) (Simões, 2011).

A dimensão de suporte caracteriza-se por um comportamento carinhoso e responsivo na relação entre pais-filhos. Estes comportamentos manifestam-se através da expressão de afeto positivo, da aceitação da criança, do uso de reforço positivo, da vinculação e da sensibilidade às suas necessidades (Barber, 2006; Conley et al., 2004; Davidov & Grusec, 2006; Grusec et al., 2000; Pettit et al., 1997, cit in Simões, 2011). Nesta dimensão, os pais promovem a aceitação da criança ao responder às necessidades básicas da mesma (Cummings et al., 2000).

A investigação de Azevedo et al (2013), em adolescentes portugueses revelou que os mais novos, com 12-13 anos percecionam níveis mais elevados de suporte emocional do pai e da mãe, enquanto os adolescentes mais velhos, com idades compreendidas entre os 14-15 anos, sentem maior rejeição parentais e sobreproteção. Também estudos de Maccoby (1980), na literatura internacional, relatam que os adolescentes mais novos percecionam nos pais um maior suporte emocional.

A dimensão de controlo refere-se a estratégias sendo que, tem como objetivo promover o cumprimento de regras e normas sociais uma vez que é uma dimensão considerada como fundamental para a socialização da criança (Grolnick & Gurland, 2002; Maccoby & Martin, 1983, cit in Simões, 2011). Nesta dimensão podem ser identificados diferentes tipos de controlo, nomeadamente, o controlo comportamental e o controlo psicológico (Barber, 2006). O controlo comportamental refere-se às ações utilizadas pelos pais no sentido de controlar ou gerir o comportamento da criança, com o objetivo de corrigir os comportamentos inadequados da criança, através da monitorização, disciplina e supervisão do comportamento dos menores (Simões, 2011).

Quando o comportamento parental preceder o comportamento da criança, a técnica de controlo tem como objetivo orientar a ação da criança, de forma a alterar o seu comportamento. Por sua vez, quando o comportamento dos pais surge depois da criança realizar o comportamento, é considerado uma estratégia disciplinar de controlo, tendo como objetivo corrigir o comportamento da criança (Barber, 2006; Cruz, 2005).

Por sua vez, o controlo psicológico refere-se ao controlo dos processos psicológicos nas crianças e adolescentes (e.g. expressão verbal, sentimentos, identidade), ou seja, utiliza técnicas de manipulação das emoções, acabando por comprometer a individualidade e autonomia dos menores e não satisfaz as necessidades emocionais e psicológicas dos mesmo (Barber, 2006; Steinberg, 2005).

Estes dois tipos de controlo podem ser associados a diferentes problemas comportamentais e emocionais, ou seja, o controlo comportamental relaciona-se mais habitualmente a problemas de externalização, enquanto o controlo psicológico refere-se mais a diferentes variáveis do ajustamento emocional, a problemas de internalização (Barber, 2006).

Arrindell e Van der Ende (1984) elaboraram a descrição de três dimensões das práticas parentais, nomeadamente as dimensões de suporte emocional, rejeição e a sobreproteção. De acordo com os mesmos autores, o suporte emocional diz respeito à qualidade da relação de afeto ente pais e filhos, aos comportamentos de afeto que os pais executam sobre os filhos. Esta dimensão refere-se aos comportamentos de encorajamento, aprovação e expressões físicas e verbais de carinho e amor na relação entre pais e filhos.

Por sua vez, a rejeição está relacionada com ausência de comportamentos e sentimentos que são referidos na dimensão de suporte emocional (Rohner, 2012). A rejeição envolve a tentativa de modificação das vontades dos filhos por parte dos pais e, como resultado,

esta dimensão refere-se aos comportamentos que os pais utilizam, como privação de objetos ou castigos, o que leva os adolescentes a sentirem-se pressionadas a mudar os seus desejos e vontades, havendo assim, uma tentativa de modificação de comportamentos por parte dos pais (Arrindell & Van der Ende, 1984). Segundo estudos de Akse et al., (2004), existe um risco elevado para o desenvolvimento de depressão e agressividade nos adolescentes quando existe rejeição parental (cit in Azevedo, 2012).

Por último, a sobreproteção diz respeito ao controlo parental, ou seja, os pais adotam atitudes e comportamentos intrusivos, havendo um controlo excessivo que tem por objetivo dificultar que os filhos se tornem independentes (Arrindell & Van der Ende, 1984).

No estudo realizado por Azevedo et al (2013), os autores concluíram que a rejeição parental influencia na manifestação de sintomas ansiosos dos adolescentes, sendo uma das dimensões que tem um maior impacto na ansiedade dos mesmos. Salientam também o papel do suporte emocional dos pais, quando demonstrado sob a forma de apoio emocional e de afeto, que pode contribuir para a diminuição dos quadros de ansiedade nos seus filhos.

Someya et al., (1999) realizaram um estudo em adolescentes japoneses com o intuito de perceber as diferenças na perceção do comportamento parental em função do género, número de filhos e posição na fratria, através da aplicação do *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (EMBU-A). Concluíram que os filhos mais velhos do sexo masculino percecionaram maior rejeição parental, enquanto as raparigas adolescentes mais velhas percecionaram maior suporte emocional dos pais.

No estudo realizado por Vale-Dias e Berardo (2019), cujo o objetivo consistia em analisar a associação entre as perceções das atitudes parentais e a manifestação de problemas de

comportamento numa amostra de adolescentes portugueses, os autores concluíram que existe uma relação positiva entre as atitudes parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização.

## **Capítulo II – Psicopatologia do Desenvolvimento na Adolescência**

A adolescência é um período fundamental e marcante no processo de desenvolvimento do ser humano. Esta etapa é marcada por um período de transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, que acarreta importantes mudanças ao nível cognitivo, físico e psicossocial (Papalia et al., 2001).

Podemos dividir a adolescência em três fases: a fase inicial dos 10 aos 13 anos, a fase intermédia dos 14 aos 16 anos e a fase final a partir dos 16 anos até aos 18 anos. Esta fase é marcada por um período de reajustes, no relacionamento entre pais e filhos, que permitam aos adolescentes desenvolver uma maior autonomia (Carr, 2006; Moreira, 2014).

A adolescência é marcada por ser um período vulnerável para o desenvolvimento de problemas de saúde mental (Costello et al., 2003, cit in Raposo, 2019), devido a mudanças sociais, biológicas e psicológicas que ocorrem nesta fase (Gerard & Buehler, 2004).

Estas múltiplas mudanças estão inerentes à adolescência, seja a nível da maturação psicológica e física, nomeadamente: desenvolvimento cognitivo e intelectual; o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários; desenvolvimento social e emocional, onde ocorre um aumento da consciência de ciclos emocionais, aplicação de estratégias complexas para regulação de emoções; e desenvolvimento da identidade, particularmente, da identidade sexual (Carr, 2006; Moreira, 2014)

No âmbito da Psicopatologia do Desenvolvimento, têm sido identificadas duas dimensões nas dificuldades de ajustamento socioemocional das crianças e adolescentes: a dos “problemas de externalização” ou de hipoccontrolo sobre as emoções, os pensamentos e

os comportamentos e a dos “problemas de internalização” ou de hipercontrole desses processos (Achenbach et al., 1991; Achenbach & Edelbrock, 1978). De acordo com a literatura, os problemas de internalização e de externalização tendem a aumentar e a desenvolver-se na adolescência (Đurišić & Gajić, 2016; APA, 2014).

Os problemas de externalização podem ser definidos como dificuldades para seguir as regras sociais e/ou problemas disruptivos como, por exemplo, agressividade e violação das regras que, muitas vezes, se expressão através de impulsividade, comportamentos desafiadores e antissociais; por sua vez, os problemas de internalização são caracterizados por problemas internos ou emocionais (Caputo & Bordin, 2007) e têm sido caracterizados pela tendência para expressar *stress* dirigido a si próprio (para dentro), que aparecem sob a forma de isolamento social, inibição, depressão ou até mesmo das mais variadas formas de ansiedade (Achenbach & Edelbrock, 1978; Böing & Crepaldi, 2016; Caputo & Bordin, 2007; Cosgrove et al., 2011; Fatori de Sá et al., 2010; Nunes et al., 2015).

## **2.1. Problemas de Externalização**

Na adolescência são comuns as manifestações de impulsividade, agressividade e também comportamentos delinquentes, sendo que podem ou não envolver violência (Achenbach, 1991). Os problemas de comportamento associados podem ser diferentes, sendo que, quando se manifestam, podem ser classificados como comportamentos de externalização (Kim et al., 2013, cit in Moreira, 2014).

Os problemas de externalização podem ser definidos como dificuldades para seguir as regras sociais e/ou problemas disruptivos como, por exemplo, agressividade e violação

das regras que, muitas vezes, se expressam através de impulsividade, comportamentos desafiadores e antissociais (Caputo & Bordin, 2007)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2001) estima-se que cerca de 20% dos adolescentes tem um ou mais tipos de problemas de comportamento. Quando estes tipos de comportamentos se tornam repetitivos, persistentes ou violentos passam a ter relevância clínica, ou seja, psicopatológico (Loeber et al., 2000; Veirmeiren, 2003, cit in Moreira, 2014)

Os problemas de externalização são caracterizados por comportamentos disruptivos, agressão, emoções negativas (por vezes com raiva), frustração, desobediência e comportamentos descontrolados devido ao subdesenvolvimento de competência de autorregulação emocional. Habitualmente, este comportamento são direcionados ao meio envolvente, sendo que estão inseridos em categorias do comportamento mais alargadas, nomeadamente, a hiperatividade, agressividade, oposição e comportamentos antissociais ou delinquentes (Achenbach & Edelbrock, 1978; Aunola & Nurmi, 2005; Carr, 2006; Eisenberg et al. 2001; Kazdin, 2003; Negreiros, 2008; Schroeder & Gordon, 2002, cit in Moreira, 2014).

Os problemas de comportamento têm vindo a ser estudados devido ao seu impacto nos contextos envolventes (Kazdin, 1995). Os problemas de externalização envolvem um conjunto variado de comportamentos, sendo que é importante esclarecer que o comportamento disruptivo, quando relacionado com problemas de comportamento, envolve um conjunto variado de sinais comportamentais como as “birras”, choro, desrespeito das regras, comportamentos apelativos e de desafio, agressividade contra si próprio e contra os outros, mentiras, roubo, destruição de propriedades, hiperatividade e dificuldades no autocontrolo (Mason et al., 1994, cit. por White & Renk, 2011; Schroeder & Gordon, 2002, cit in Moreira, 2014). Importa referir também que os problemas de

externalização não se caracterizam unicamente por comportamentos desadequados e impulsivos, caracterizam-se também por apresentar uma maior incapacidade de desenvolvimento de relações empáticas e uma baixa capacidade de regulação emocional (Guthrie et al., 1997; Zhou et al., 2002, cit in Ribeiro, 2014).

Segundo Achenbach, Edelbrock e Howell (1987), os problemas de externalização referem-se a dificuldades ao nível da atenção, comportamentos agressivos, desviantes e desobediência (Oliveira, 2018). Os problemas de externalização podem ser observados através dos comportamentos, sendo que estes podem ter um efeito negativo para o sujeito, mas também para as pessoas que o rodeiam (Liu, 2004, cit. por White & Renk, 2011).

Um estudo realizado por Dwairy et. al, (2010) com adolescentes, tinha como objetivo perceber se existia uma relação entre os fatores parentais (controlo, inconsistência e rejeição) e manifestação de perturbações psicológicas em diversas culturas. Os autores concluíram que rejeição parental estava associada, positivamente, com o desenvolvimento de perturbações psicológicas em adolescentes, mas não encontraram diferenças significativas entre géneros relativamente à prevalência de problemas de comportamento.

Diversos estudos realizados indicam que existe uma relação entre os estilos e práticas educativas parentais e o desenvolvimento de problemas de externalização na infância e adolescência. Alguns referem também que o uso de práticas parentais punitivas são uma das causas para o desenvolvimento de problemas de comportamento (e.g. Berkien et al., 2012; Evans et al., 2012; Williams et al., 2009; Yahav, 2007).

## **2.2. Problemas de Internalização**

Como já referido anteriormente, a adolescência caracteriza-se por ser uma etapa do desenvolvimento marcada por mudanças físicas e psicológicas. É nesta etapa que os adolescentes começam a construir a sua identidade, personalidade e relações interpessoais, sendo também um período de vulnerabilidade, marcado por um amplo desequilíbrio emocional (Papalia et al., 2001).

A prevalência de problemas de saúde mental nos adolescentes tem aumentado, sendo que entre 10% a 20% das crianças e adolescentes sofrem de alguma perturbação mental (Encarnação et al., 2011). Segundo Caldas de Almeida e Xavier (2009), a população juvenil portuguesa, apresenta maior prevalência nas perturbações de ansiedade, depressão e perturbações do comportamento alimentar. Estas perturbações fazem parte do grupo de “problemas de internalização”.

Os problemas de internalização referem-se a sintomas emocionais, subjetivos, que podem ser observáveis e causam sofrimento ao próprio indivíduo. Neste tipo de problemas a sintomatologia manifesta-se e permanecem, maioritariamente, dentro do sujeito, uma vez que este tenta controlar os impulsos e direcionar o comportamento para si mesmo ((Đurišić & Gajić, 2016; Merrell, 2008, cit in Oliveira, 2018). Os problemas de internalização podem manifestar-se através de vários sintomas como, depressão, ansiedade, isolamento social, inibição, timidez, hipersensibilidade e queixas somáticas (Caputo & Bordin, 2007; Cosgrove et al., 2011; Weeks et al., 2016).

Achenbach e Edelbrock (1979), referem também os problemas emocionais envolve manifestações de preocupação em excesso, tristeza, medo, timidez, insegurança e recusa escolar (Borba & Marin, 2018).

Num estudo realizado por Cardoso et al., (2004) em Portugal, os resultados mostraram que 11.2% dos adolescentes portugueses experienciam sintomas depressivos, sendo mais prevalente no sexo feminino (Oliveira, 2018).

Por sua vez, no que se refere às diferenças na manifestação de problemas de internalização em função da idade, existe uma tendência para aumentar com a idade (Essau et al., 2000, cit in Azevedo, 2012). Borges et al (2008), referem que adolescentes entre os 14 e os 17 anos apresentam um nível mais elevado de perturbações de ansiedade.

Um estudo realizado em adolescentes, Barber et al. (1994) refere que um dos riscos para o aparecimento de problemas de internalização, está relacionado com a existência de padrões de interação familiar, que parecem inibir o desenvolvimento psicológico dos jovens. Refere também que o controlo psicológico, quando percebido pelos adolescentes, pode estar associado ao aparecimento de problemas de internalização e externalização.

Num outro estudo realizado por Grüner et al. (1999), com o objetivo de perceber a relação entre a perceção do comportamento parental e a sintomatologia ansiosa, concluíram que a rejeição parental é um forte indicador para o desenvolvimento de sintomatologia ansiosa em crianças. Por sua vez, Wolfrad et al. (2003), num estudo realizado em adolescentes, realçam que um maior suporte e afeto parental estão associados a níveis reduzidos de ansiedade na adolescência.

## **2ª Parte: Estudo Empírico**

---

## **Capítulo III – Metodologia**

### **3.1. Metodologia**

Na presente investigação, a abordagem utilizada, neste estudo exploratório, recorre a metodologia quantitativa correlacional, uma vez que se trata de uma investigação estruturada e tratada estatisticamente, onde serão estudadas as relações entre variáveis (Almeida & Freire, 2008).

### **3.2. Objetivos da Investigação**

Partindo da revisão da literatura, o estudo pretendeu analisar as relações entre a perceção das práticas parentais e os problemas internalizados e externalizados em adolescentes.

Relativamente aos objetivos específicos, foram delimitados os seguintes:

1. Identificar as práticas parentais na perspetiva do adolescente;
2. Determinar a manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes;
3. Verificar as relações entre a perceção das práticas parentais e os problemas de internalização;
4. Verificar as relações entre a perceção das práticas parentais e os problemas de externalização;
5. Comparar a perceção das práticas parentais em função da idade e do sexo;
6. Comparar a manifestação dos problemas de internalização e externalização em função da idade e do sexo.

### **3.3. Questões de Investigação**

Na presente investigação, pretendeu-se verificar de que forma a perceção dos adolescentes sobre as práticas parentais se associa à manifestação de problemas de internalização e externalização.

Assim, formularam-se as seguintes questões de investigação:

- a) Será que existe uma relação entre a perceção das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes?
- b) Quais as dimensões das práticas parentais percebidas pelos adolescentes em relação ao pai e à mãe?
- c) Quais as frequências de problemas de internalização e externalização em adolescentes?
- d) Rapazes e raparigas diferenciam-se nas dimensões das práticas parentais percebidas?
- e) Haverá diferenças entre adolescentes mais novos e mais velhos nas dimensões das práticas parentais identificadas?
- f) Haverá diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de internalização e externalização?
- g) Haverá diferenças na manifestação de problemas de internalização e externalização em relação à faixa etária dos adolescentes?

### 3.4. Método

#### 3.4.1. Participantes

A amostra foi recolhida numa população normativa em contexto escolar, no Agrupamento de Escolas de Castelo de Paiva, do 7º ao 10º ano, dos quais fazem parte adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos (Gráfico1) de ambos os sexos a viver com os pais biológicos sendo que a média de idades de 14,17 e o desvio padrão de 1,224 (ver Tabela 1 e 2). Na presente investigação, participaram 60 adolescentes, sendo que 37 elementos são do sexo feminino (61,7%) e 23 do sexo masculino (38,3%) (Tabela 1).

Nos critérios de inclusão foram considerados apenas adolescentes que viviam com pelo menos um dos pais biológicos, sendo que 56 participantes vivem com ambos os pais, 3 vivem só com a mãe e 1 vive só com o pai. Nos critérios de exclusão foram considerados adolescentes que não vivam com os pais, que não tenham sido educados pelos pais (e.g. avós, tios) ou que estejam ou tenham estado em instituições de acolhimento.

**Tabela 1.**

*Caraterização sociodemográfica da amostra de adolescentes*

|               |           | <b>N</b> | <b>%</b> |
|---------------|-----------|----------|----------|
| <b>Sexo</b>   | Masculino | 23       | 38.3     |
|               | Feminino  | 37       | 61.7     |
|               | Total     | 60       | 100      |
| <b>Idades</b> | 12        | 6        | 10       |
|               | 13        | 13       | 21.7     |
|               | 14        | 15       | 25       |
|               | 15        | 17       | 28.3     |
|               | 16        | 9        | 15       |
|               | Total     | 60       | 100      |

Relativamente às idades dos pais, na análise dos dados obteve-se um N=58 e 2 omissos, tanto para o pai como a mãe. As idades dos pais dos participantes estão compreendidas entre 30 e 62 anos, sendo que a média de idades para os pais é de 45,10 anos e para as mães 42,64 anos (ver Tabela 2).

**Tabela 2.**

*Distribuição das idades dos adolescentes e pais*

|                               | <b>N</b> | <b>Min.</b> | <b>Máx.</b> | <b>Média</b> | <b>D.P.</b> | <b>Omissos</b> |
|-------------------------------|----------|-------------|-------------|--------------|-------------|----------------|
| <b>Idade dos adolescentes</b> | 60       | 12          | 16          | 14.17        | 1.224       | 0              |
| <b>Idade dos Pais</b>         | 58       | 30          | 62          | 45.10        | 6.69        | 2              |
| <b>Idade das Mãe</b>          | 58       | 31          | 54          | 42.64        | 5.82        | 2              |

Em relação aos dados sociodemográficos recolhidos na amostra, relativamente ao estado civil dos pais 88,3% são casados ou vivem juntos, 10% são divorciados e apenas 1,7% são solteiros. No que se refere ao número de irmãos, 66,7% dos tem um irmão, 8,3% tem dois irmãos, 6,7% tem três irmãos e 18,3% são filhos únicos.

**Tabela 3.**

*Caraterização sociodemográfica da amostra de adolescentes*

|                              | <b>N</b>             | <b>%</b> |
|------------------------------|----------------------|----------|
| <b>Estado civil dos pais</b> | Casados/vivem juntos | 53 88.3  |
|                              | Solteiros            | 1 1.7    |
|                              | Divorciados          | 6 10     |
| <b>Número de irmãos</b>      | Filhos únicos        | 11 18.3  |
|                              | 1 irmãos             | 40 66.7  |
|                              | 2 irmãos             | 5 8.3    |
|                              | 3 irmãos             | 4 6.7    |

|                      |                   |    |      |
|----------------------|-------------------|----|------|
|                      | Com ambos os pais | 56 | 93.3 |
| <b>Com quem vive</b> | Só com o pai      | 1  | 1.7  |
|                      | Só com a mãe      | 3  | 5    |

### 3.4.2. Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados usados foram: um Questionário sociodemográfico elaborado pela investigadora (ANEXO 7), o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) (Robert Goodman, 1997; versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar, 2005) (ANEXO 9), e o EMBU-A: *A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (ANEXO 8) (Gerlsma et al., 1991; versão portuguesa de Lacerda, 2005).

**Questionário sociodemográfico** – O Questionário sociodemográfico, desenvolvido pela investigadora, visou recolher informação para a caracterização sociodemográfica dos participantes, tendo neste caso sido construído para o efeito, com a inclusão das variáveis sexo, idade, ano de escolaridade e com quem residem os adolescentes. Inclui ainda o levantamento de informação relativa ao estado civil dos pais, idade, escolaridade e situação profissional dos pais (Anexo 7).

**Questionário de Capacidades e Dificuldades – SDQ Autorrelato** – O Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) foi desenvolvido e adaptado por Robert Goodman (1997), sendo posteriormente validado e adaptado para a população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar, em 2005. Este instrumento, de acesso livre (SDQinfo) permite medir o ajustamento psicológico em crianças e adolescentes com idades entre os 4 e os 17 anos e obter informação sobre o comportamento nos diferentes

contextos (escola e casa) e faz a triagem para perturbações de externalização e internalização, de forma breve (Goodman, 1997; Portela, 2011). O SDQ Autorrelato (11-17 anos) é constituído por 25 itens, distribuídos por 5 subescalas: sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os pares e comportamento pró-social, numa escala de *likert* de 3 pontos (0 = “não é verdade”; 1 = “é um pouco verdade”; 2 = “é muito verdade”) (Becker, et al 2004; Portela, 2011; Goodman, 1997). Neste instrumento podem considerar-se duas dimensões: Problemas de Internalização e Problemas de Externalização (Goodman, 1997; Machado & Diogo, 2017).

***EMBU-A: A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents*** – A versão original do EMBU-A, foi desenvolvida por Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmelkamp (1991) para ser aplicado junto dos adolescentes entre os 11 e os 16 anos. Este questionário tem como objetivo avaliar a perceção dos adolescentes relativamente às práticas parentais em relação ao pai e à mãe, separadamente. O EMBU-A foi validado para a população portuguesa por Maria Isabel Lacerda (2005) numa amostra de adolescentes entre os 12 e os 17 anos. Este questionário é constituído por 48 itens, sendo que os itens são apresentados numa escala de tipo Likert de quatro pontos: (1) Não, nunca; (2) Sim, ocasionalmente; (3) Sim, frequentemente; e (4) Sim, a maior parte do tempo (Lacerda, 2005). A autora encontrou três dimensões: Suporte emocional, Sobreproteção e Rejeição.

A dimensão de Suporte Emocional refere-se aos comportamentos dos pais perante os filhos que encorajam estes últimos a que se sintam confortáveis na sua presença, que reforçam a ideia de que são valorizados como pessoa, através de aprovação, encorajamento, compreensão, expressão verbal e física de amor e carinho. Esta dimensão

engloba 19 itens e varia entre o máximo de 76 e o mínimo de 19 pontos. A dimensão de Sobreproteção diz respeito às práticas parentais de proteção excessiva de experiências indutoras de stress e adversidades, um elevado grau de intrusão, no sentido de ter conhecimento de todas as atividades dos filhos, elevadas expectativas dos pais (por exemplo, a escola) e imposição de regras rígidas às quais é exigida total obediência. Esta dimensão inclui 10 itens e varia entre o máximo de 40 e o mínimo de 10 pontos. A dimensão de Rejeição está relacionado com os comportamentos parentais que visam modificar o comportamento dos filhos e que é percebida por estes como uma rejeição de si próprios. Nesta dimensão estão incluídos castigos físicos, privação de privilégios ou objetos, no sentido de alterar o comportamento dos filhos, sem terem em consideração os pontos de vista, interesses ou necessidades dos filhos (Lino da Conceição, 2012; Lacerda, 2005) e engloba 19 itens e varia entre o máximo de 76 e o mínimo de 19 pontos.

O instrumento EMBU-A, utilizado no presente estudo para avaliar a perceção dos adolescentes sobre as práticas parentais, é baseado numa abordagem dimensional do comportamento parental, e diferencia as dimensões do comportamento parental suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo ou sobreproteção.

**Tabela 4.**

*Distribuição dos itens do EMBU-A pelas dimensões*

| <b>Dimensões</b>         | <b>Itens</b>                                                             |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| <b>Suporte Emocional</b> | 2, 8, 9, 15, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 32, 36, 40, 44, 45, 46 e 48 |
| <b>Sobreproteção</b>     | 1, 6, 12, 14, 17, 22, 27, 30, 31 e 43                                    |
| <b>Rejeição</b>          | 3, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 16, 20, 26, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42 e 47  |

### 3.4.3. Procedimento

Previamente ao trabalho de campo, foi obtida a autorização de utilização de instrumento através de e-mail a Maria Isabel Lacerda, autora da validação do instrumento EMBU-A para a população portuguesa em 2005 (Anexo 1). Em seguida, foi realizado o registo de inquérito no site de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) (número do registo: 0762400001) (Anexo 2) e, posteriormente, foi submetido o projeto a apreciação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (Anexo 3).

Numa segunda fase, foi exposto o objetivo do estudo e solicitada autorização junto da Direção do Agrupamento de uma escola do concelho de Castelo de Paiva, região do Vale de Sousa e Tâmega (Anexo 4). Posteriormente e, perante a autorização da Direção, procedeu-se à seleção das turmas com a colaboração da direção da escola e dos diretores de turma e, à divulgação do estudo aos encarregados de educação, juntamente com o consentimento informado (Anexos 5 e 6) para a participação dos menores.

Foi pedida a colaboração dos respetivos diretores de turma para a recolha de dados junto dos alunos, através dos instrumentos, em contexto de sala de aula. Pediu-se aos professores para distribuírem os instrumentos e instruções de preenchimento (Anexos 7, 8 e 9), em envelopes fechados devidamente codificados, pelos alunos; no final foram recolhidos os questionários em envelope fechado e entregues à investigadora, não havendo assim contacto direto com os participantes (alunos).

A recolha de dados foi realizada no mês de junho de 2021, após os alunos regressarem do confinamento devido à pandemia do COVID-19, no final do ano letivo em que se encontravam.

A análise e tratamento estatístico dos dados obtidos foram realizados no programa IBM-SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 27.0.

## **Capítulo IV – Apresentação e Discussão de Resultados**

Neste capítulo, segue-se a apresentação e discussão dos resultados obtidos procurando responder aos objetivos deste estudo. Primeiramente será apresentada uma análise descritiva dos dados dos instrumentos e, posteriormente, a análise dos testes da normalidade e estatística inferencial. Para tal, estudaram-se as associações entre as diferentes variáveis recorrendo-se aos testes estatísticos: análise de frequências, correlação de *Spearman* e Testes não paramétricos para amostras independentes.

Numa primeira fase, foi recodificada uma das variáveis de modo a facilitar as futuras análises, nomeadamente, a idade dos adolescentes (Grupo 1: 12-13 anos; Grupo 2: 14-16 anos). Na análise descritiva da amostra, dos 100 questionários entregues foram recolhidos 60 em 4 turmas.

De seguida, procedeu-se à análise da normalidade da distribuição da amostra, relativamente ao instrumento EMBU-A e do SDQ-A, através do teste de *Shapiro-Wilks* (S-W) dada a dimensão da mostra final.

### **4. Resultados**

#### **4.1. Análise exploratória dos dados**

No total da amostra (N=60), foram considerados válidos 51 questionários do EMBU em relação ao pai e à mãe, registando-se 9 omissos (ver Tabela 6). Relativamente ao SDQ, apenas 56 respostas foram consideradas válidas, tendo por isso 4 omissos (Tabela 8).

Procedemos à análise prévia da distribuição dos resultados do EMBU-A para o qual aplicamos o teste de *Shapiro-Wilks*. A análise da distribuição das variáveis em estudo na amostra permitiu concluir que apenas a dimensão de sobreproteção, tanto para o pai como para a mãe, cumpre o pressuposto de normalidade (ver Tabela 5). Como este valor é estatisticamente não significativo ( $p= ns$ ), é assumida a distribuição normal desta variável. Relativamente às dimensões de suporte emocional e rejeição ( $p= <.001$ ), o que indica que a distribuição dos resultados nestas dimensões não cumpre o pressuposto da distribuição normal (Tabela 5). Estes valores são confirmados pela assimetria e curtose apresentados na Tabela 8.

**Tabela 5.**

*Valores do teste de normalidade das práticas parentais (teste de Shapiro-Wilk)*

|            |                   | <b>Estatística</b> | <b>N</b> | <b>Sig.</b> |
|------------|-------------------|--------------------|----------|-------------|
| <b>Pai</b> | Suporte emocional | .875               | 51       | <.001       |
|            | Rejeição          | .679               | 51       | <.001       |
|            | Sobreproteção     | .972               | 51       | <b>.265</b> |
| <b>Mãe</b> | Suporte Emocional | .829               | 51       | <.001       |
|            | Rejeição          | .736               | 51       | <.001       |
|            | Sobreproteção     | .971               | 51       | <b>.240</b> |

Na análise da distribuição do EMBU-A, nas dimensões de suporte emocional e de rejeição em relação ao pai e na dimensão de suporte emocional em relação à mãe foram encontrados alguns *outliers*.

Procedeu-se ao estudo da normalidade da distribuição da amostra, relativamente ao instrumento SDQ-A, (S-W).

**Tabela 6.**

*Valores do teste de normalidade da internalização e externalização (teste de Shapiro-Wilk)*

|                           | <b>Estatística</b> | <b>N</b> | <b>Sig.</b> |
|---------------------------|--------------------|----------|-------------|
| <b>SDQ_Internalização</b> | .937               | 56       | .006*       |
| <b>SDQ_Externalização</b> | .983               | 56       | <b>.612</b> |

O teste da normalidade de *Shapiro-Wilk* na dimensão de internalização ( $p=.006$ ), indica significância estatística, logo não é assumida a distribuição normal desta variável. Por sua vez, na dimensão de externalização ( $p=.612$ ), como este valor não é estatisticamente não significativo (ns), é assumida a distribuição normal desta variável (Tabela 9).

#### **4.2. Estatística inferencial**

##### ***Relação entre as práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização***

Com o intuito de analisar a relação entre a percepção das práticas parentais, em relação ao pai e à mãe, e a manifestação de problemas de internalização e externalização na amostra global de adolescentes, recorreu-se ao teste de Correlação de *Spearman*, uma vez que nem todas as variáveis seguem a distribuição normal (os dados descritivos destas variáveis estão apresentados nas tabelas 5 e 6).

Os resultados das correlações obtidas entre a percepção das práticas parentais pelos adolescentes e a manifestação de problemas de internalização e externalização, e respetivas dimensões são maioritariamente estatisticamente significativos, conforme apresentados na Tabela 7.

**Tabela 7.***Associação das dimensões parentais e da internalização e externalização*

|                |      | EMBU_PAÍ       |               |              | EMBU_MÃE       |               |              |
|----------------|------|----------------|---------------|--------------|----------------|---------------|--------------|
|                |      | SE             | R             | SP           | SE             | R             | SP           |
| <b>SDQ_INT</b> | Cor. | <b>-.470**</b> | <b>.491**</b> | <b>.297*</b> | <b>-.385**</b> | <b>.438**</b> | <b>.301*</b> |
|                | Sig  | <.001          | <.001         | .028         | .004           | .001          | .024         |
|                | N    | 53             | 52            | 55           | 54             | 52            | 56           |
| <b>SDQ_EXT</b> | Cor. | <b>-.361**</b> | <b>.490**</b> | .254         | <b>-.313*</b>  | <b>.474**</b> | <b>.295*</b> |
|                | Sig  | .007           | <.001         | .059         | .019           | <.001         | .026         |
|                | N    | 55             | 52            | 56           | 56             | 52            | 57           |

*Legenda:* INT – Internalização; EXT – Externalização; SE – Suporte Emocional; R – Rejeição; SP – Sobreproteção

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

A dimensão de suporte emocional está correlacionada positivamente com os problemas de internalização e externalização, tendo em relação ao pai ( $r=-.470$ ,  $p<.001$ ;  $r=-.361$ ,  $p=.007$ ) como em relação à mãe ( $r=-.385$ ,  $p=.004$ ;  $r=-.361$ ,  $p=.019$ ), ou seja, é estatisticamente significativo.

Constatou-se que existem correlações estatisticamente significativas entre as dimensões de rejeição e de sobreproteção e a manifestação de problemas de internalização e de externalização, em relação ao pai e à mãe. A dimensão de rejeição, em relação ao pai ( $r=.491$ ,  $p<.001$ ;  $r=.490$ ,  $p<.001$ ) e à mãe ( $r=.438$ ,  $p=.001$ ;  $r=.474$ ,  $p<.001$ ), está correlacionada positivamente com a internalização e externalização.

Por sua vez, a dimensão de sobreproteção, em relação ao pai ( $r=.297$ ,  $p=.028$ ;  $r=.254$ ,  $p=.059$ ) e à mãe ( $r=.301$ ,  $p=.024$ ;  $r=.295$ ,  $p=.026$ ), está também correlacionada positivamente com a internalização e externalização, sendo que apenas a sobreproteção do pai e a dimensão de externalização é que é não significativo.

Como se verifica, os resultados obtidos indicam que existe uma associação forte entre as práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e externalização, tanto em relação ao pai como à mãe.

Os valores de correlação mostram que, quanto maior for percepção de rejeição e de sobreproteção parental por parte dos adolescentes, mais elevada é a manifestação de problemas de internalização e externalização.

***Dimensões das práticas parentais percebidas pelos adolescentes em relação ao pai e à mãe***

Para analisar os dados relativos à percepção das práticas parentais em relação ao pai e à mãe, fez-se a análise descritiva dos valores relativos à dispersão dos resultados das dimensões do EMBU-A, em relação ao pai e à mãe, separadamente (ver Tabela 8). Na análise foram apenas contemplados os questionários válidos (N=51), como referido acima.

**Tabela 8.**

*Valores de dispersão das práticas parentais*

|     |                   | N  | Min. | Máx. | Média | D.P.   | Assim. | Curtose | Omissos |
|-----|-------------------|----|------|------|-------|--------|--------|---------|---------|
| Pai | Suporte Emocional | 51 | 28   | 76   | 64.98 | 11.05  | -1.163 | 1.260   | 9       |
|     | Rejeição          | 51 | 19   | 70   | 27.29 | 11.922 | 2.201  | 4.421   | 9       |
|     | Sobreproteção     | 51 | 14   | 37   | 24.45 | 5.811  | .168   | -.465   | 9       |
| Mãe | Suporte Emocional | 51 | 34   | 76   | 66.16 | 11.001 | -1.215 | .623    | 9       |
|     | Rejeição          | 51 | 17   | 66   | 25.29 | 10.951 | 2.066  | 4.515   | 9       |
|     | Sobreproteção     | 51 | 16   | 38   | 25.31 | 5.508  | .344   | -.517   | 9       |

Relativamente às médias em relação ao pai, na dimensão de suporte emocional ( $M=64.98$ ;  $DP=11.05$ ), a amostra apresenta valores mais próximos do valor máximo da subescala ( $Máx=76$ ), o que indica perceção de elevado suporte emocional.

Por sua vez, na dimensão de rejeição ( $M=27.29$ ;  $DP=11.922$ ), as médias apresentam valores mais próximos do valor mínimo da subescala ( $Min=19$ ), indicador de baixa rejeição percecionada em relação ao pai.

No que diz respeito à dimensão de sobreproteção, os valores médios da amostra ( $M=24.45$ ;  $DP=5.811$ ) apresentam-se ligeiramente mais próximos do máximo da subescala ( $Máx=40$ ) do que com os valores mínimos ( $Min=10$ ).

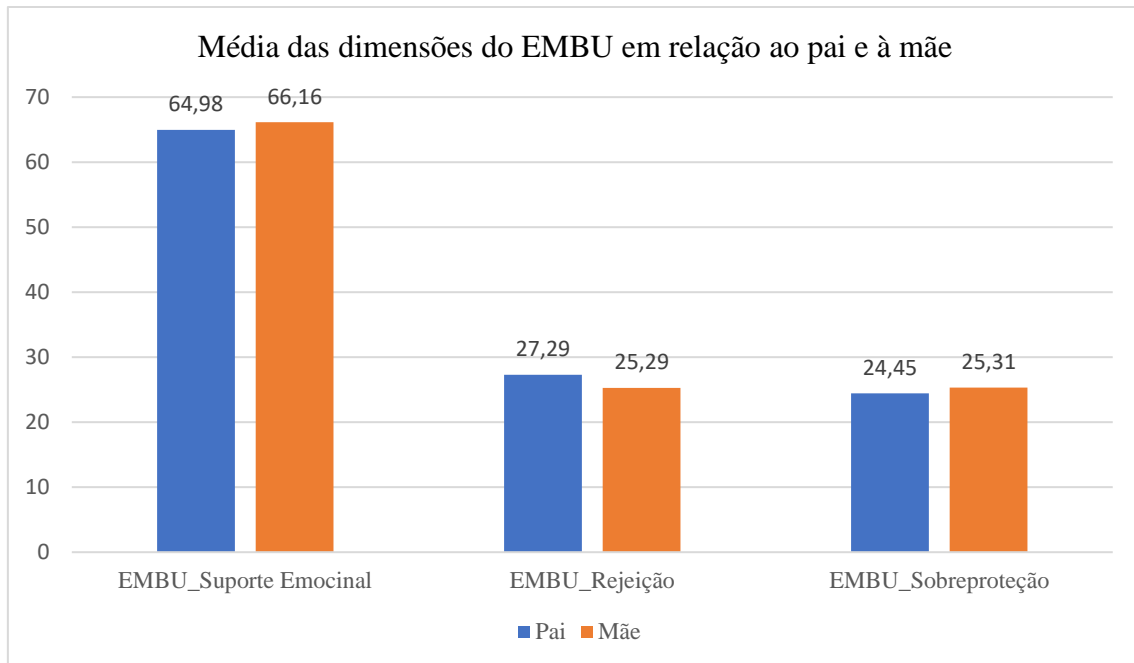
No que diz respeito às médias em relação à mãe, na dimensão de suporte emocional ( $M=66.16$ ;  $DP=11.001$ ) a amostra apresenta valores mais próximos do valor máximo da subescala ( $Máx=76$ ) do que do valor mínimo ( $Min=19$ ), o que corresponde a uma elevada perceção de suporte emocional materno.

Na dimensão de rejeição ( $M=25.29$ ;  $DP=10.941$ ) a amostra apresenta valores médios mais próximos do valor mínimos ( $Min=19$ ), o que significa que os adolescentes percecionam baixa rejeição em relação à mãe.

Por último, na dimensão de sobreproteção ( $M=25.31$ ;  $DP=5.508$ ), os valores situam-se ligeiramente mais próximos do valor máximo ( $Máx=40$ ).

**Gráfico 1.**

*Médias das dimensões das práticas parentais em relação ao pai e à mãe*



Ao analisar as médias dos resultados da estatística descritiva das dimensões do EMBU, concluímos que não existe uma grande diferença na percepção das práticas parentais em relação ao pai e em relação à mãe (Gráfico 1). Analisando as médias apresentadas na tabela 6 estas indicam que as médias são muito próximas, no entanto, os valores de dispersão são muito elevados, sobretudo nas dimensões de suporte emocional e de rejeição. Os adolescentes percebem um maior suporte emocional da parte das mães do que em relação aos pais, assim como na dimensão da sobreproteção, apesar de apresentar uma diferença mínima. Por sua vez, na dimensão da rejeição, os adolescentes percebem mais rejeição por parte do pai do que da mãe.

***Manifestação de problemas de internalização e de externalização nos adolescentes***

Para analisar os dados relativos à frequência de problemas de internalização e de externalização nos adolescentes, realizou-se a análise descritiva dos valores relativos à dispersão dos resultados das dimensões do SDQ-A apresentados na Tabela 9 (N=56).

**Tabela 9.**

*Valores de dispersão da internalização e externalização*

|                       | <b>N</b> | <b>Min.</b> | <b>Máx.</b> | <b>Média</b> | <b>D.P.</b> | <b>Assim.</b> | <b>Curtose</b> | <b>Omissos</b> |
|-----------------------|----------|-------------|-------------|--------------|-------------|---------------|----------------|----------------|
| <b>Internalização</b> | 56       | 1           | 13          | 6.38         | 2.883       | .483          | -.371          | 4              |
| <b>Externalização</b> | 56       | 0           | 14          | 6.41         | 3.356       | .120          | -.530          | 4              |

Relativamente à média das dimensões de Internalização (M=6.38; DP=2.883) e Externalização (M=6.41; DP=3.356) da amostra apresentam valores muito próximos do valor mínimo da subescala (Min=0) do que do valor máximo da subescala (Máx=20).

Ao analisarmos as médias das dimensões, estas apresentam valores muito próximos, no entanto a externalização apresenta resultados ligeiramente superiores (uma décima) em relação à internalização. Neste sentido, podemos referir que a amostra global parece apresentar uma baixa manifestação de problemas de internalização e de externalização (ver Tabela 9).

***Diferenças entre rapazes e raparigas em relação à perceção das práticas parentais***

Com o intuito de averiguar as diferenças entre dois grupos, optou-se por utilizar o teste não paramétrico de *Mann-Whitney* para comparar os resultados de rapazes e raparigas

relativamente à percepção das práticas parentais do pai e da mãe, uma vez que nem todas as variáveis do EMBU seguem a distribuição normal (Tabela 10).

**Tabela 10.**

*Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à percepção das práticas parentais (U Mann Whitney)*

|            |                          | N  | Sig. <sup>a</sup> | U de Mann-Whitney |
|------------|--------------------------|----|-------------------|-------------------|
| <b>Pai</b> | <b>Suporte emocional</b> | 55 | .815              | 375.500           |
|            | <b>Rejeição</b>          | 54 | .688              | 324.000           |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 58 | .160              | 308.500           |
| <b>Mãe</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 56 | .845              | 379.000           |
|            | <b>Rejeição</b>          | 54 | .630              | 319.500           |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 59 | .494              | 363.500           |

a. O nível de significância é ,050.

**Tabela 11.**

*Valores médios nas dimensões das práticas parentais (rapazes, raparigas)*

|            |                          | <b>Rapazes<br/>(N=20)</b> |           | <b>Raparigas<br/>(N=31)</b> |           |
|------------|--------------------------|---------------------------|-----------|-----------------------------|-----------|
|            |                          | <b>M</b>                  | <b>DP</b> | <b>M</b>                    | <b>DP</b> |
| <b>Pai</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 63.95                     | 11.50     | 65.65                       | 10.89     |
|            | <b>Rejeição</b>          | 29.05                     | 12.63     | 26.16                       | 11.51     |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 25.55                     | 5.64      | 23.74                       | 5.90      |
| <b>Mãe</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 64.45                     | 12.60     | 67.26                       | 9.90      |
|            | <b>Rejeição</b>          | 27.75                     | 13.17     | 23.71                       | 9.14      |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 25.75                     | 5.13      | 25.03                       | 5.81      |

Na análise das diferenças entre rapazes e raparigas, em relação à percepção das práticas parentais, quer relativamente ao pai, quer à mãe, revelam que não há resultados

estatisticamente significativos, logo, não há diferenças entre rapazes e raparigas em relação à percepção das práticas parentais (Tabela 10).

Ao analisar os valores de dispersão expostos na Tabela 11, os resultados revelam que as raparigas percecionam mais suporte emocional do que os rapazes, quer em relação ao pai, quer em relação à mãe, no entanto, os rapazes percecionam maior rejeição e sobreproteção em relação ao pai e à mãe do que as raparigas.

### *Diferenças na percepção das práticas parentais em função da idade*

Para se analisar as diferenças na percepção das práticas parentais em função das idades dos adolescentes efetuou-se o teste não paramétrico de *Mann-Whitney*, visto que nem todas as dimensões do EMBU seguem a distribuição normal. Para analisar as diferenças entre adolescentes mais novos (12-13 anos) e mais velhos (14-16 anos) em relação às práticas parentais, os resultados encontram-se na Tabela 12.

**Tabela 12.**

*Diferenças na percepção das práticas parentais em função da idade (U Mann Whitney)*

|            |                          | N  | Sig. <sup>a</sup> | U de Mann-Whitney |
|------------|--------------------------|----|-------------------|-------------------|
| <b>Pai</b> | <b>Suporte emocional</b> | 55 | .430              | 269.500           |
|            | <b>Rejeição</b>          | 54 | .129              | 356.500           |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 58 | .833              | 347.500           |
| <b>Mãe</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 56 | .617              | 392.500           |
|            | <b>Rejeição</b>          | 54 | .267              | 336.000           |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 59 | .306              | 307.000           |

a. O nível de significância é ,050.

**Tabela 13.***Valores médios nas dimensões das práticas parentais (faixa etária)*

|            |                          | <b>12-13 anos<br/>(N=12)</b> |           | <b>14-16 anos<br/>(N=39)</b> |           |
|------------|--------------------------|------------------------------|-----------|------------------------------|-----------|
|            |                          | <b>M</b>                     | <b>DP</b> | <b>M</b>                     | <b>DP</b> |
| <b>Pai</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 67.92                        | 8.77      | 64.08                        | 11.61     |
|            | <b>Rejeição</b>          | 23.17                        | 5.57      | 28.56                        | 13.09     |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 24.25                        | 6.29      | 24.51                        | 5.77      |
| <b>Mãe</b> | <b>Suporte Emocional</b> | 68.08                        | 9.45      | 65.56                        | 11.48     |
|            | <b>Rejeição</b>          | 22.83                        | 8.03      | 26.05                        | 11.69     |
|            | <b>Sobreproteção</b>     | 25.42                        | 5.62      | 25.28                        | 5.55      |

A análise dos resultados obtidos em relação às diferenças na percepção das práticas parentais em função da idade, indicam que não parecem existir diferenças entre adolescentes mais novos e mais velhos na percepção das práticas parentais, em relação ao pai e à mãe (Tabela 12).

No entanto, os resultados apresentados na Tabela 13, mostram que os adolescentes mais novos percebem maior suporte emocional em relação ao pai do que os adolescentes mais velhos, enquanto que os adolescentes mais velhos percebem maior rejeição e sobreproteção relativamente ao pai do que os adolescentes mais novos. Por sua vez, em relação à mãe, os adolescentes mais novos percebem maior suporte emocional e sobreproteção do que os adolescentes mais velhos, enquanto que os adolescentes mais velhos percebem maior rejeição do que os adolescentes mais novos.

***Diferenças entre rapazes e raparigas em relação à manifestação de problemas de internalização e de externalização***

Para averiguar as diferenças entre duas amostras independentes foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney para comparar rapazes e raparigas relativamente à manifestação de problemas de internalização e de externalização, uma vez que nem todas as variáveis do SDQ seguem a distribuição normal (Tabela 14).

**Tabela 14.**

*Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à manifestação de problemas de internalização e externalização (U Mann Whitney)*

|                       | <b>N</b> | <b>Sig.<sup>a</sup></b> | <b>U de Mann-Whitney</b> |
|-----------------------|----------|-------------------------|--------------------------|
| <b>Internalização</b> | 57       | .797                    | 400.500                  |
| <b>Externalização</b> | 58       | .853                    | 407.500                  |

a. O nível de significância é ,050.

**Tabela 15.**

*Valores médios na manifestação de problemas de internalização e externalização (rapazes, raparigas)*

|                       | <b>Rapazes<br/>(N=21)</b> |           | <b>Raparigas<br/>(N=35)</b> |           |
|-----------------------|---------------------------|-----------|-----------------------------|-----------|
|                       | <b>M</b>                  | <b>DP</b> | <b>M</b>                    | <b>DP</b> |
| <b>Internalização</b> | 6.05                      | 3.07      | 6.57                        | 2.79      |
| <b>Externalização</b> | 6.05                      | 3.85      | 6.63                        | 3.06      |

Os resultados das diferenças entre rapazes e raparigas em relação manifestação de problemas de internalização e de externalização, não são estatisticamente significativos, logo não existem diferenças entre rapazes e raparigas em relação à manifestação de problemas de internalização e externalização (tabela 14).

No entanto, ao analisarmos os resultados da Tabela 15, as raparigas apresentam valores ligeiramente superiores na manifestação de problemas de internalização e de externalização do que os rapazes.

***Diferenças na manifestação de problemas de internalização e de externalização em função da idade***

Para se analisar as diferenças na manifestação de problemas de internalização e de externalização e em relação às idades dos adolescentes mais novos (12-13 anos) e mais velhos (14-16 anos) efetuou-se um teste não paramétrico de *Mann-Whitney*, uma vez que nem todas as variáveis do SDQ seguem a distribuição normal. Para perceber as diferenças utilizou-se os valores do teste, expostos na Tabela 16.

**Tabela 16.**

*Diferenças na manifestação de problemas de internalização e de externalização em função da idade (U de Mann-Whitney)*

|                       | <b>N</b> | <b>Sig.<sup>a,b</sup></b> | <b>U de Mann-Whitney</b> |
|-----------------------|----------|---------------------------|--------------------------|
| <b>Internalização</b> | 57       | .846                      | 351.000                  |
| <b>Externalização</b> | 58       | .500                      | 320.000                  |

Sig <.005

**Tabela 17.**

*Valores médios na manifestação de problemas de internalização e de externalização (faixa etária)*

|                       | <b>12-13 anos<br/>(N=17)</b> |           | <b>14-16 anos<br/>(N=39)</b> |           |
|-----------------------|------------------------------|-----------|------------------------------|-----------|
|                       | <b>M</b>                     | <b>DP</b> | <b>M</b>                     | <b>DP</b> |
| <b>Internalização</b> | 6.29                         | 3.12      | 6.41                         | 2.82      |
| <b>Externalização</b> | 6.82                         | 3.68      | 6.23                         | 3.24      |

Como se pode verificar na Tabela 16, não se encontram diferenças estatisticamente significativas na manifestação de problemas de internalização e de externalização entre adolescentes mais novos e mais velhos.

Contudo, ao analisarmos os valores das médias expostas na Tabela 17, os adolescentes mais velhos manifestam mais problemas de internalização do que os adolescentes mais novos, enquanto que os adolescentes mais novos manifestam mais problemas de externalização do que os adolescentes mais velhos.

### **4.3. Discussão de resultados**

Neste ponto, pretende-se efetuar uma síntese e análise crítica dos resultados do estudo, tendo por base o enquadramento concetual que lhe está subjacente.

Relativamente à relação entre as práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização nos adolescentes, os resultados obtidos relativamente a esta **questão de investigação a)**, indicam que existe uma relação significativa entre as práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e externalização, não havendo diferenças em relação ao pai e à mãe.

Verificou-se que existe uma associação negativa entre a perceção do suporte emocional e os problemas de internalização e de externalização, o que indica que quanto maior é a perceção de suporte emocional dos adolescentes, quer para o pai, quer para a mãe, menor é a probabilidade de se manifestarem problemas de internalização e de externalização.

Estes resultados vão ao encontro dos resultados das pesquisas já efetuadas neste domínio, em que é referido, em estudos nacionais e internacionais, que um maior suporte e afeto parental estão associados a níveis reduzidos de ansiedade em adolescentes, onde salientam também que, quando demonstrado sob a forma de apoio emocional e afeto, o suporte emocional dos pais pode contribuir para a diminuição dos quadros de ansiedade (Azevedo et al., 2013; Vale-Dias & Berardo, 2019; Wolfrad et al., 2003).

Relativamente à associação entre a perceção das práticas parentais relacionadas com a rejeição e a sobreproteção parental e a manifestação de problemas de internalização e de externalização nos adolescentes, os resultados mostram uma relação positiva, o que indica que quanto maior é a perceção de rejeição ou de sobreproteção, quer em relação ao pai quer à mãe, maior é probabilidade de haver uma manifestação de problemas de internalização e de externalização. Estes resultados vão de encontro aos resultados de estudos nacionais e internacionais referidos anteriormente.

Os estudos referem que a rejeição parental influencia na manifestação de problemas de internalização e de externalização (e.g. Akse et al., 2004; Barber et al., 1994; Berkien et al., 2012; Dwairy et al., 2010; Evans et al., 2012; Grüner et al., 1999; Williams et al., 2009; Yahav, 2007). Em estudos nacionais, realça-se também o facto de a rejeição parental ser um fator indicador para o desenvolvimento de sintomatologia ansiosa (Azevedo et al., 2013).

Os resultados obtidos relativamente à sobreproteção corroboram os estudos internacionais que referem que o controlo parental, quando percebido pelos adolescentes, pode estar associado ao aparecimento de problemas de internalização e de externalização (e.g., Barber et al., 1994; Berkien et al., 2012; Evans et al., 2012; Williams et al., 2009; Yahav, 2007), o que contraria o estudo realizado por Crouter e Head (2002),

que indica que baixos níveis de supervisão parental se associa a elevados problemas de comportamento.

No que diz respeito à percepção das práticas parentais em relação ao pai e à mãe, e respondendo à **questão b)**, os resultados mostraram que não existem diferenças significativas. No entanto, verificou-se que os adolescentes percebem um maior suporte emocional e sobreproteção em relação à mãe do que ao pai. Enquanto, no que diz respeito à rejeição, os adolescentes sentem maior rejeição em relação ao pai do que à mãe.

Estes resultados obtidos na amostra geral, percebemos que vão ao encontro de estudos realizados que referem que os adolescentes tendem a perceber maior suporte emocional e sobreproteção por parte da mãe do que comparativamente com o pai. Em relação à rejeição, os estudos indicam também que os adolescentes percebem uma maior rejeição em relação ao pai do que em relação à mãe, corroborando assim os resultados obtidos (Azevedo et al., 2013; Someya et al., 1999; Weber et al., 2004).

Relativamente à **questão c)**, onde se pretendia analisar a frequência dos problemas de internalização e externalização nos adolescentes, verificou-se que não existem diferenças nos resultados da amostra, podendo assim referir que a amostra global apresenta uma baixa manifestação de problemas ao nível da internalização e da externalização. Apenas se verificou que a dimensão dos problemas de externalização apresenta resultados muito ligeiramente superiores à dimensão de internalização.

Apesar dos problemas de internalização e de externalização se considerarem domínios distintos, a literatura refere os sujeitos vivenciam estes dois tipos problemas ao mesmo tempo. Isto é, os adolescentes podem ter manifestações de problemas de internalização (emocionais) e simultaneamente apresentaram problemas de externalização (comportamento). Assim, é essencial ter em consideração que a presença de um não

impede a existência do outro (Merrell, 2008). Neste sentido, os resultados dos dados obtidos vão ao encontro do que é referido na literatura, sendo que na amostra apresentada, os resultados mostram que os adolescentes apresentam maior manifestação de problemas de externalização do que problemas de internalização.

No que diz respeito à **questão de investigação d)**, onde se pretendia averiguar as diferenças entre rapazes e raparigas em relação à perceção das práticas parentais, os resultados revelaram que não há diferenças significativas entre a rapazes e raparigas em relação à perceção das práticas parentais nesta amostra.

No entanto, os resultados mostraram que os rapazes têm uma maior perceção de rejeição e de sobreproteção em relação ao pai e à mãe do que as raparigas, enquanto que as raparigas percecionam maior suporte emocional em relação ao pai e à mãe, apesar de não haver diferenças muito significativas. Estes resultados vão ao encontro daquilo que é referido na maioria dos estudos internacionais, uma vez que salientam que os rapazes tendem a percecionar mais rejeição parental, enquanto que as raparigas percecionam maior suporte emocional parental (e.g. Muris et al., 2000; Someya et al., 1999). Contudo, estes resultados não vão ao encontro daquilo que é relatado em estudos nacionais em que é referido que, apesar de não existirem diferenças significativas entre género, os resultados denotam uma tendência no sentido de os rapazes se sentirem mais suporte emocional parental do que as raparigas (Azevedo et al., 2013).

Relativamente à **questão e)**, em que se pretendia perceber se existem diferenças na perceção das práticas parentais em função da idade, os resultados mostraram que não existem diferenças significativas na perceção das práticas parentais. A literatura nacional e internacional revela que os adolescentes mais novos percecionam níveis mais elevados de suporte emocional em relação ao pai e à mãe do que os adolescentes mais velhos (Azevedo et al., 2013; Maccoby, 1980), sendo que estes resultados se refletem no presente

estudo, ainda que não hajam diferenças significativas. Por sua vez, os resultados mostraram que os adolescentes mais velhos sentem maior rejeição parental do que os adolescentes mais novos, corroborando assim os resultados dos estudos nacionais (Azevedo et al., 2013) e, em contrapartida, apenas os adolescentes mais velhos sentem maior sobreproteção em relação ao pai do que os mais novos, enquanto que os adolescentes mais novos sentem maior sobreproteção em relação à mãe do que os mais velhos. Estes resultados corroboram o estudo realizado por Soares e Almeida (2012), numa amostra de adolescentes portugueses, mostrou que a percepção de aceitação e monitorização parentais, que está relacionada com o suporte emocional e a sobreproteção, varia ao longo da adolescência.

No que diz respeito à **questão f)** onde se pretendia analisar as diferenças entre rapazes e raparigas em relação à manifestação de problemas de internalização e de externalização, os resultados obtidos indicaram que não existem diferenças entre rapazes e raparigas, o que corroborado por pesquisas efetuadas neste domínio, onde estudos nacionais e internacionais referem que não existem diferenças significativas entre géneros na manifestação de problemas de internalização e de externalização (Azevedo et al., 2013; Dwairy et. al., 2010). No entanto, os resultados obtidos no presente estudo revelam que, apesar de não haver diferenças significativas, as raparigas apresentam uma maior manifestação de problemas de internalização e externalização, o que vai ao encontro do que é referido no estudo de Cardoso et al. (2004), numa amostra de adolescentes portugueses, onde os resultados mostraram que as raparigas apresentam mais prevalência na manifestação de problemas de internalização do que os rapazes.

Por fim, e de forma a responder à **questão de investigação g)**, onde se pretendia averiguar as diferenças na manifestação de problemas de internalização e de externalização em função da idade, verificou-se que não existiram diferenças na manifestação de problemas

entre adolescentes mais novos e mais velhos. Os resultados mostraram que, os adolescentes mais velhos apresentaram valores ligeiramente superiores do que os adolescentes mais novos na manifestação de problemas de internalização e externalização, apesar de não existirem diferenças significativas, estes resultados corroboram as conclusões dos estudos apresentados na revisão da literatura nacional e internacional, que referem que a manifestação de problemas de internalização e de externalização tende a aumentar com a idade, ou seja, os adolescentes mais velhos manifestam mais problemas de internalização e de externalização do que os adolescentes mais novos (APA, 2014; Azevedo et al., 2013; Borges et al., 2008; Đurišić & Gajić, 2016).

## **Conclusão**

Em jeito de conclusão e após todo este processo, torna-se pertinente retirar as conclusões que se consideram mais relevantes com base nos resultados obtidos, bem como responder às questões levantadas inicialmente.

O presente estudo, analisou as relações entre a perceção das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização, numa amostra não clínica de adolescentes, em que se evidencia a existência de relação, não havendo diferenças na perceção em relação ao pai e à mãe.

Relativamente à relação entre a perceção das práticas parentais pautadas pelo suporte emocional, rejeição e sobreproteção e os problemas de internalização e de externalização, concluiu-se que a amostra apresenta semelhanças nas práticas parentais percebidas para o pai e para a mãe, sendo que, os resultados do estudo sugeriram que as práticas parentais influenciam a manifestação de problemas de internalização e de externalização nos adolescentes.

No que concerne às relações existentes entre as dimensões das práticas parentais e da manifestação de problemas de internalização e externalização, os resultados mostraram que não existem diferenças em relação ao pai e à mãe, sendo que se concluiu que quanto maior é o suporte emocional percebido, menor é a probabilidade de os adolescentes manifestarem problemas de internalização e de externalização. Por sua vez, no que se refere à rejeição e sobreproteção o mesmo não aconteceu, uma vez que os resultados apresentaram correlações positivas com os problemas de internalização e de externalização, ou seja, quanto maior é a perceção de rejeição e de sobreproteção, maior

é a probabilidade de os adolescentes apresentarem manifestações de problemas de internalização e de externalização.

Por sua vez, quando comparadas as percepções das práticas parentais entre o pai e a mãe, os resultados demonstraram que não existem diferenças significativas. No entanto, quando analisadas ao pormenor, conseguimos concluir que os adolescentes percecionavam maior suporte emocional e sobreproteção em relação à mãe do que comparativamente com o pai. Por sua vez, não aconteceu o mesmo quanto à percepção da rejeição, em que os adolescentes sentem uma maior percepção de rejeição em relação ao pai do que em relação à mãe.

Relativamente à manifestação de problemas de internalização e de externalização, apesar de não haverem diferenças significativas, a amostra apresentou resultados superiores na manifestação de problemas de externalização do que nos problemas de internalização.

No que se refere à percepção das práticas parentais em relação ao género, concluiu-se que rapazes e raparigas adolescentes percecionam as práticas parentais da mesma forma, ainda que as raparigas percecionem mais suporte emocional parental e os rapazes mais rejeição e sobreproteção parental. Relativamente às diferenças na percepção das práticas parentais em função da idade, os resultados mostraram que a percepção da sobreproteção varia ao longo do tempo, corroborando, assim, estudos apresentados na literatura, apesar de os resultados da amostra não apresentarem diferenças significativas entre adolescentes mais novos e mais velhos.

Concluiu-se, por fim, que tanto nos rapazes como nas raparigas existem semelhanças no que concerne à manifestação de problemas de internalização e de externalização, o que significa que a amostra não apresentou diferenças significativas na manifestação de problemas de internalização e de externalização entre género, no entanto, quanto

especificadas as subescalas, os resultados mostraram que se denota uma tendência para que as raparigas manifestem mais problemas de internalização e de externalização do que os rapazes. Assim como, na comparação entre a manifestação de problemas de internalização e de externalização em função da idade, apesar de haver uma tendência para os mais velhos manifestarem mais problemas de internalização e os mais novos manifestarem mais problemas de externalização, os resultados não mostraram diferenças significativas entre adolescentes mais velhos e mais novos.

Analisando estes resultados de forma geral, pode-se concluir que as práticas parentais parecem ter uma forte influência na manifestação de problemas emocionais e de comportamento nos adolescentes portugueses. Estes resultados levam a realçar a importância de haver especial atenção aos sinais que os adolescentes manifestam, especialmente após ter havido um longo período de confinamento, devido à pandemia, em que os jovens se viram socialmente isolados e em que apenas interagem com os familiares mais próximos, como os pais e irmãos.

Apesar de atingidos os objetivos de investigação propostos, este estudo apresentou algumas limitações, nomeadamente, o facto de apresentar uma amostra pequena, assim como a recolha de dados ter sido realizada no final do ano letivo (junho) e após um longo período de confinamento devido ao vírus da COVID-19, o que poderá ter influenciado os resultados obtidos.

Seria pertinente no futuro, no desenvolvimento de estudos para inferir acerca da perceção das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e externalização, recolher dados na perspetiva dos pais, uma vez que assim poderíamos comparar os resultados segundo as diferentes perspetivas (adolescentes/pais) e analisar de forma a investigar possíveis correspondências entre a perspetivas dos pais e dos adolescentes.

## Bibliografia

- Achenbach, T. M. & Edelbrock, C. S. (1979). The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 47*(2), 223-233.
- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. (1978). *The classification of child psychopathology: A review and analysis of empirical efforts. Psychological Bulletin, 85*(6), 1275-1301.
- Achenbach, T. M., Howell, C. T., Quay, H. C., & Conners, C. K. (1991). National survey of problems and competencies among four- to sixteen-year-olds: parents' reports for normative and clinical samples. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 56*(3), 1- 131.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares (3ª ed.)*. Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares: Uma Visão Sistémica (3ª Ed.)*. Quarteto Editora.
- Alarcão, M. & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia, 17*(36), 89-102.
- Almeida, L.S. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilíbrios.
- Aluja, A., Del Barrio, V. & García, L. F. (2006). Do parents and adolescents differ in their perceptions of rearing styles? Analysis of the EMBU versions for parents and adolescents. *Scandinavian Journal of Psychology, 47*(2), 103-108.  
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2006.00497.x>.

- Aluja, A., Del Barrio, V. & García, L. F. (2005). Relationships between adolescents' memory of parental rearing styles, social values and socialisation behavior traits. *Personality and Individual Differences*, 39(5), 903-912. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.02.028>.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 314-332. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200018>.
- American Academy of Pediatrics (2005). *Your Baby's First year*. (2ª ed.). New York: American Academy of Pediatrics.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5. ed. Artmed.
- Arrindell, W.A., & Van der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and individual Difference*, 5 (6), 671-682.
- Aunola, K. & Nurmi, J. E. (2005) The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76, 1144–1159. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-i1>.
- Azevedo, V. S. O. (2012). *O papel dos estilos educativos parentais na sintomatologia ansiosa de adolescentes do 3º ciclo do ensino básico* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/94>.

- Azevedo, V., Simões, S. Marques, M. & Cunha, M. (2013). O Papel dos estilos educativos parentais na sintomatologia ansiosa de adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4(2).  
<http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/418/398>.
- Ballash, N., Leyfer, O., Buckley, A. F. & Wooddruff-Borden, J. (2006). Parental control in the etiology of anxiety. *Clinical Child Psychological Review*, 9 (2): 113-33.
- Barros de Oliveira, J. H. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Almedina.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. *Adolescence*, 3(11), 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1991). Parental styles and adolescent development. In R. Lerner, A. C. Petersen, & J. BrooksGunn (Eds.), *The encyclopaedia on adolescence* (pp. 746-758). Garland.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Direction for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.  
<https://doi.org/10.1002/cd.128>.
- Barber, B. K., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65 (4), 1120–1136.  
<https://doi.org/10.2307/1131309>.

- Barber, B. K. (2006). Reintroducing parental psychological control. In B.K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). American Psychological Association.
- Barroso, R. G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211-229. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_52-1\\_10](https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10).
- Becker, A., Woerner, W., Hasselhorn, M., Banaschewski, T., & Rothenberger, A. (2004). Validation of the parent and teacher SDQ in a clinical sample. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13, ii11-ii16. <http://dx.doi.org/10.1007/s00787-004-2003-5>.
- Berkien, M., Lowerse, A., Verhulst, F. & Ende, J. (2012). Children's perceptions of dissimilarity in parenting styles are associated with internalizing and externalizing behavior. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 21, 79-85. <https://doi.org/10.1007/s00787-011-0234-9>.
- Böing, E. & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 59, 17-33.
- Borba, B. M. R., & Marin, A. H. (2018). Problemas emocionais e de comportamento e rendimento escolar em adolescentes. *Psico*, 49(4), 348-357. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.26941>.
- Borges, A. I., Manso, D. S., Tomé, G. e Matos, M. G. (2008). Ansiedade e coping em crianças e adolescentes: diferenças relacionadas com a idade e género. *Análise Psicológica*, 4, 551-561.

- Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of Parenting: Vol 1. Children and Parenting*. (2nd Ed.). Lawrence Erlbaum Associates Publishers
- Burke, J., Loeber, R. & Birmaher, B. (2002). Oppositional defiant disorder and conduct disorder. A review of the past 10 years, part II. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 41(11), 1275-1293.  
<https://doi.org/10.1097/00004583-200211000-00009>.
- Burke, J. D., Pardini, D. A., & Loeber, R. (2008). Reciprocal Relationships Between Parenting Behavior and Disruptive Psychopathology from Childhood Through Adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36(5), 679–692.  
<https://doi.org/10.1007/s10802-008-9219-7>.
- Caldas de Almeida, J. M. & Xavier, M. (2009). *Estudo Epidemiológico Nacional de Saúde Mental: 1º relatório*. Universidade Nova de Lisboa.
- Caputo, V. & Bordin, I. (2007). Mental health problems among pregnant and nonpregnant youth. *Revista de Saúde Pública*, 41, 573-581.
- Cardoso P, Rodrigues C, Vilar A. (2004). Prevalência de sintomas depressivos em adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 4(XXII): 667-675.
- Carr, A. (2006). *The handbook of child and adolescent clinical psychology*. (2nd ed.). Routledge.
- Cecconello, A., Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.  
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07.pdf>.

- Conley, C. S., Caldwell, M. S., Flynn, M., Dupre, A. J., & Rudolph, K. D. (2004). Parenting and mental health. In M. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 276-295). Sage Publications.
- Cosgrove, V. E., Rhee, S. H., Gelhorn, H. L. Boeldt, D., Corley, R. C., Ehringer, M. A., Young, S. E., & Hewitt, J. K. (2011). Structure and etiology of co-occurring internalizing and externalizing disorders in adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *39*(1), 109-123.
- Costello, E. J., Mustillo, S., Erkanli, A., Keeler, G., & Angold, A. (2003). Prevalence and development of psychiatric disorders in childhood and adolescence. *Archives of General Psychiatry*, *60*, 837-44.
- Crouter, A. C. & Head, M. R. (2002). Parental monitoring and knowledge of children. In M. Bornstein (ED.), *Handbook on parenting*. (pp. 461-483). Lawrence Erlbaum Associates.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Quarteto
- Cruz, O. Canário, C. & Ducharne, M. B. (2018). Questionário de Estilos Educativos Parentais revisto (QEEP-r): Estudo psicométrico e análise da invariância da medida para mães e pais. *Análise Psicológica*, *3* (XXXVI): 383-397.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, *113*(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>.
- Davidov, M., & Grusec, J. E. (2006). Multiple pathways to compliance: Mothers' willingness to cooperate and knowledge of their children's reactions to discipline. *Journal of Family Psychology*, *20*(4), 705-708.

- Donald, D., & Mancuso, J. (1987). A constructivist approach to parental training. In R. Neymeyer & G. Neymeyer (Eds), *Personal construct therapy casebook* (pp-135-151). Springer.
- Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S. & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP). *Psicologia e Educação, Vol. V, nº1*, 63-5.
- Durišić, M. M., & Gajić, J. (2016). Social Functioning of Students with Internalizing Behavioral Problems. *Research in Psychology* , 6 (2), 32-42.
- Dwairy, M., Achoui, M., Filus, A., Rezvannia, P., Casullo, M. M., & Vohra, N. (2010). Parenting, mental health and culture: A fifth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 36-41. <https://doi.org/10.1007/s10826-009-9340-4>.
- Encarnação, R., Moura, M., Gomes, F. & Silva, P.C. (2011). Caraterização dos casos observados numa equipa de psiquiatria da infância e adolescência: um estudo retrospectivo. *Acta Médica Portuguesa, 24*(6), 925-934.
- Essau, C. A., Conradt, J. e Petermann, F. (2000). Frequency, comorbidity, and psychosocial impairment of anxiety disorders in german adolescents. *Journal of Anxiety Disorders, 14*, 263-279.
- Evans, S. Z., Simons, L. G., & Simons, R. L. (2012). The effect of corporal punishment and verbal abuse on delinquency: Mediating mechanisms. *Journal of Youth and Adolescence, 41*,1095-1110. <https://doi.org/10.1007/s10964-012-9755-x>.
- Fatori de Sá, D. G., Bordin, I. A. S., Martin, D. & Paula, C. S. (2010). Fatores de Risco para Problemas de Saúde Mental na Infância/Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(4), 643-652.

- Fiorini, M. C. & Guisso, L. (2016). *Teoria familiar sistêmica: retrospectiva história e perspectivas atuais*. O portal dos psicólogos.
- Gaspar, T. & Matos, M. G. (2016). Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 7,1-2, 509-522.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Foguet, J., Ribeiro, J. L., & Leal, I. (2010). Parent-child perceptions of quality of life: Implications for health intervention. *Journal of Family Studies*, 16(2), 143-154.
- Gerard, J. M., & Buehler, C. (2004). Cumulative environmental risk and youth problem behavior. *Journal of Marriage and Family*, 66, 702-720.  
<https://doi.org/10.1111/j.0022-2445.2004.00048.x>.
- Gerlsma, C., Arrindel, W., Van Der Veen, N. & Emmelkamp, P.(1991). A parental rearing style questionnaire for use with adolescents: psychometric evaluation of the EMBU-A. *Personality and individual Differences*, 21, 1245-1252.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 38(5), 581-586.  
<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>.
- Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 7(3), 125-130.  
<https://doi.org/10.1007/s007870050057>.
- Grolnick, W.S., & Gurland, S.T. (2002). Mothering: Retrospect and prospect. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp. 5-33). Lawrence Erlbaum Associates.

- Grusec, J.E., Goodnow, J.J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analysis of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Grüner, K., Muris, P. & Merckelbach, H. (1999). The relationship between anxious rearing behaviours and anxiety disorders symptomatology in normal children. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 30, 27-35.
- Grych, J.H. (2002). Marital relations and parenting. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 4: Social conditions and applied parenting* (2nd ed., pp. 203-225). Lawrence Erlbaum Associates.
- Guimarães, A., Hochgraf, P., Brasiliano, S. & Ingerman, Y. (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36, 69-74.
- Hernández, M. D. G., Rodríguez, G. R., & Zamora, A. L. (2008). La construcción de valores en la familia. In M.J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 201-221). Alianza Editorial.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (Vol. 2, pp. 231-252). Lawrence Erlbaum Associates.
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). Sage.
- Jackson, S., & Goossens, L. (2006). *Handbook of Psychological Development*. Psychological Press.

- Joiner, T. (2009). American Psychological Association. *The Interpersonal-Psychological Theory of Suicidal Behavior: Current Empirical Status*.  
<http://www.apa.org/science/about/psa/2009/06/sci-brief.aspx>.
- Kazdin, A. (2003). Psychotherapy for children and adolescents. *Annual Review of Psychology*, 54, 253–76.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145105>.
- Khodabakhsh, M., Kiani, F. & Ahmedbookani, F. (2014). Psychological well-being and parenting styles as predictors of mental health among students: implications for health promotion. *International Journal of Pediatrics*, 2(9) 39-46.  
<https://doi.org/10.22038/IJP.2014.3003>.
- Kim, D. H., Kim, Y. S., Koh, Y. J. & Leventhal, B. L. (2013). Relationship between behavior problems and perceived parenting practices in Korean youth. *Child: care, health and development*, 39(2), 194-201. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2011.01343.x>.
- Lacerda, M.I.M.C. (2005). A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Lino da Conceição, L. S. (2012). Estilos educativos parentais (EMBU-A), sintomatologia depressiva/ansiosa, stress e autoestima, numa amostra de adolescentes [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT.  
<http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/276>.
- Liu, J. (2004). Childhood externalizing behavior: Theory and implications. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 17, 93–103

- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of Parental Discipline and Nurturance. *Clinical Psychology Review*, 22, 895-929. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(02\)00133-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(02)00133-2).
- Loeber, R., Burke, J., Lahey, B., Winters, A. & Zera, M. (2000). Oppositional defiant disorder and conduct disorder. A review of the past 10 years, part I. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 39 (12), 1468-1484. <https://doi.org/10.1097/00004583-200012000-00007>.
- Maccoby, E. E & Martin. J. A (1983). Socialization in the context of the family: parentchild intencion. In P. H. Hussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed). *Handbook of Child Psychology*. Wiley.
- Maccoby, E. E. (1980). *Social development psychological growth and the parent-child relationship*. Harcourt Brace Jovanovich.
- Machado, T. & Diogo, C. (2017). Problemas de externalização e internalização em préadolescentes e vinculação aos pais. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 4, 1, 42-51. <https://doi.org/10.17979/reipe.2016.4.1.1553>.
- Mason, C. A., Cauce, A. M., Gonzalez, N., Hiraga, Y., & Grove, K. (1994). An ecological model of externalizing behaviors in African-American adolescents: No family is an island. *Journal of Research on Adolescence*, 4, 639–655.
- Merrell, K. W. (2008). Understanding Internalizing Problems: Depression and Anxiety in Children and Adolescents. In K. W. Merrell, *Helping Students Overcome Depression and Anxiety, Second Edition: a Practical Guide* (pp. 1-18). Guilford Publications.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Artmed.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis. Trajectórias, intervenção e prevenção*. Livpsic.
- Newman, K., Harrison, L., Dashiff, C. & Davies, S. (2008). Relationships between parenting styles and risk behaviors in adolescent health: an integrative literature review. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 16(1): 142-50. <https://doi.org/10.1590/s0104-11692008000100022>.
- Newman, B. M., & Newman, P. R. (2018). *Development Through Life: A Psychosocial Approach* (13th ed.). CENGAGE Learning
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., Lisboa, C. S. M. & Rubin, K. H. (2015). Relação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização: papel mediador do vínculo do apego. *Interação em Psicologia*, 19(3), 371-383. <https://doi.org/10.5380/psi.v19i3.32371>.
- Oliveira, C. J. (2018). *A relação entre os problemas internalizantes e externalizantes e o bem-estar psicológico na adolescência* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/37557>.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança*. (8ª ed). McGrawHill.
- Parke, R.D., & Buriel, R. (1998). *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional and personality development* (5th ed.). Wiley.
- Parke, R.D. (2002). Parenting in the new millennium: Prospects, promises, and pitfalls. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp.65-93). Lawrence Erlbaum Associates.

- Parke, R., Buriel, R. (2006) Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.) *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429- 504). John Wiley & Sons, Inc..
- Pereira, A. (2009). *Crescer em relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pettit, G., Bates, J., & Dodge, K. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: A seven-year longitudinal study. *Child Development*, 68, 908-923.
- Pires, A. (1990). Determinantes do Comportamento Parental. *Análise Psicológica*, 4 (VIM): 445-452.
- Prata, A., Barbosa-Ducharne, M., Gonçalves, C. & Cruz, O. (2013). O impacto dos estilos educativos parentais e do desenvolvimento vocacional no rendimento escolar de adolescentes. *Análise Psicológica*, 3 (XXXI), 235-243.
- Ramey, S. L. (2002). The science and art of parenting. In J.G. Borkowski, S.L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 47-71). Lawrence Erlbaum Associates.
- Rodrigo, M.J., Janssens, J.M., & Ceballos, E. (1999). Do children's perceptions and attributions mediate the effects of mothers' child-rearing actions?. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 508-522.
- Rutter, M. (1989). Intergenerational continuities and discontinuities in serious parenting difficulties. In D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Child maltreatment: Theory and*

*research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 317–348). Cambridge University

Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665707.012>

Santos, A. M. T. (2016). *Percepção das Práticas Educativas Parentais e Personalidade* [Dissertação Mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Schroeder, C. S., & Gordon, B. N. (2002). *Assessment and treatment of childhood problems: A clinician's guide* (2nd ed.). Guilford Press.

Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família* [Tese de doutoramento não publicada]. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.

Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. *Libro de Actas Do XI Congresso International Galego-Português de Psicopedagogia*, 4071–4083.

Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D. & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. *Journal of Research on Adolescence*, 1, 19-36

Steinberg, L. (2005). Psychological control: Style or substance?. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 71-78. <https://doi.org/10.1002/cd.129>.

Teti, D.M. (2002). Retrospect and prospect in the psychological study of sibling relationships. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp.193-224). Lawrence Erlbaum Associates.

- Vale-Dias, M. L. & Berardo, C. S. (2019). Percepção de atitudes parentais e problemas de comportamento nos adolescentes. *Psicología, Infancia y Educación*. Vol. 2, N. 2, 135-144. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2019.n2.v2.1749>.
- Veirmeiren, R. (2003). Psychopathology and delinquency in adolescents: A descriptive and developmental perspective. *Clinical Psychology Review*, 23(2), 277-318. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(02\)00227-1](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(02)00227-1).
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A. & Brandenburg, O. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.
- Weeks, M., Ploubidis, G. B., Cairney, J., Wild, T. C., Naicker, K., & Colman, L. (2016). Developmental pathways linking childhood and adolescent internalizing, externalizing, academic competence, and adolescent depression. *Journal of Adolescent*, 51, 30–40. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.05.009>.
- White, R. & Renk, K. (2012). Externalizing behavior problems during adolescence: and ecological perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 21, 158-171.
- Williams, L. R., Degnan, K.A., Perez-Edgar, K.E. , Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L. & Fox, N. A. (2009). Impact of Behavioral Inhibition and Parenting Style on Internalizing and Externalizing Problems from Early Childhood through Adolescence. *Journal of Abnormal Psychology*, 37, 1063-1075. <https://doi.org/10.1007/s10802-009-9331-3>.
- Wolfradt, U., Hempel, S. & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34, 521-532.

Yahav, R. (2006). The relationship between children's and perception of parenting style and internal and external symptoms. *Child care, health and development*, 33(4), 460-471. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2006.00708.x>.

## **Anexos**

## **Anexo 1**

**(Pedido de utilização do instrumento EMBU-A)**

## Pedido de utilização do instrumento EMBU-A



Caixa de entrada x

**Catarina Vieira Mon...** 08/12/2020, 15:20 (há 1 dia) ★ ↩ ⋮  
para isabel.lacerda.almeida ▾

Exma. Doutora Isabel Lacerda,

O meu nome é Catarina Vieira Monteiro, sou aluna de Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Fernando Pessoa e encontro-me a realizar o projeto de Dissertação sobre estilos parentais associados a problemas internalização e externalização nos adolescentes, sob a orientação da Professora Susana Marinho, para o qual pretendo utilizar o instrumento EMBU-A, adaptado e validado pela Dra para a população portuguesa na dissertação de mestrado *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*.

Nesse sentido, gostaria de solicitar autorização a V. Exa, na qualidade de autora da adaptação e validação do instrumento para a população portuguesa do referido projeto, para utilização daquele instrumento, bem como publicações que julgue pertinentes para esta temática.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada, estando disponível para prestar esclarecimentos adicionais entendidos por convenientes.

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Catarina Vieira Monteiro

**Isabel Lacerda** 📧 08/12/2020, 19:26 (há 1 dia) ★ ↩ ⋮  
para mim ▾

Cara Catarina Monteiro, boa noite

Claro que o instrumento EMBU-A está disponível para a comunidade científica, pode usar à vontade.

Envio, em anexo, a tese do Mestrado que poderá ser útil para si

Desejo-lhe as maiores felicidades

Cumprimentos  
Isabel Lacerda

## **Anexo 2**

**(Registo de Inquerido e Aprovação do MIME)**

## Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Registo de inquérito.



Caixa de entrada x



**mime.noreply@min-educ.pt**  
para mim ▾

terça, 12/01, 11:25 (há 2 dias) ★ ↶ ⋮

Exmo(a)s. Sr(a)s.

Foi registado no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (<http://mime.gepe.min-educ.pt>) um pedido de autorização de inquérito com os seguintes dados:

- Número de registo: 0762400001
- Nome da Entidade: Catarina Vieira Monteiro
- Nome do Interlocutor: Catarina Vieira Monteiro
- Designação do inquérito: Práticas Parentais e Problemas emocionais e do comportamento: A perspetiva de adolescentes

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-educ.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Este pedido vai ser analisado pela Direção-Geral da Educação (DGE) do Ministério da Educação e Ciência, e a decisão tomada será comunicada via e-mail.

Desde já agradecemos a sua colaboração, e brevemente entraremos em contacto consigo.

↶ Responder

➡ Encaminhar

## Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0762400001



Externo Caixa de entrada x



**mime.noreply@min-educ.pt**  
para mim ▾

terça, 18/05, 12:47 (há 5 dias) ★ ↶ ⋮

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0762400001, com a designação *Práticas Parentais e Problemas emocionais e do comportamento: A perspetiva de adolescentes*, registado em 03-05-2021, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Catarina Vieira Monteiro  
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.  
Com os melhores cumprimentos  
José Vítor Pedroso  
Diretor-Geral  
DGE

**Anexo 3**  
**(Parecer da Comissão de Ética)**



## **Anexo 4**

**(Pedido de Autorização para recolha de dados à  
escola)**

Pedido de autorização para realização de estudo- Ao cuidado da Diretora do AIECP Externo Caixa de entrada x



**Catarina Vieira Monteiro** <33547@ufp.edu.pt>  
para direcção ▾

24/05/2021, 14:57 ★ ↶ ⋮

Exma. Sra. Dra. Maria Beatriz Moreira Rodrigues,

Diretora do Agrupamento de Escolas de Castelo de Paiva,

Eu, Catarina Vieira Monteiro, no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Dr.ª Susana Marinho, encontro-me a realizar um trabalho de investigação, cujo principal objetivo consiste em perceber de que forma as práticas parentais estão associadas à manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes. A investigação conta com a aplicação de três questionários: Questionário sociodemográfico; EMBU-A e SDQ-Autorrelato, a alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos do Agrupamento de Escolas de Castelo de Paiva.

Para levar a cabo a referida investigação, solicito a V.Ex.ª autorização para proceder à recolha de dados na escola que preside, junto de alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Aos encarregados de educação será realizado um pedido de consentimento informado para a participação dos seus educandos. A colaboração dos alunos consiste no preenchimento voluntário e anónimo dos questionários referidos, cuja resposta demora cerca de 20 minutos. Serão previamente explicados os objetivos do estudo aos participantes, podendo estes desistir da sua colaboração em qualquer momento. Os dados obtidos são confidenciais e no sentido de proteger o anonimato dos participantes serão atribuídos códigos, destruindo-se posteriormente os dados pessoais que forem recolhidos.

Os questionários foram submetidos e aprovados pela Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME), registo de inquérito n.º 0762400001. Comprometemo-nos a salvaguardar os interesses dos participantes, assegurando uma rigorosa confidencialidade da informação recolhida, assim como os dados somente serão usados para fins académicos. Para qualquer esclarecimento encontro-me disponível, tanto presencialmente como através do contacto de e-mail, podendo ainda contactar a supervisora de investigação através de email.

Quanto aos instrumentos, não os poderei anexar uma vez que os mesmos estão sujeitos a direitos de autor e apenas poderão ser utilizados no momento da recolha de dados. Por esse motivo, abaixo apresento uma breve explicação dos instrumentos que serão utilizados: Serão utilizados 3 questionários para recolha de dados: um Questionário Sociodemográfico; o questionário SDQ-Autorelato e o EMBU-Adolescentes.

O Questionário Sociodemográfico é constituído por 8 itens e tem como objetivo recolher informações relativas ao sexo, idade, escolaridade e com quem coabita o inquirido, idade, escolaridade e situação profissional dos pais dos alunos inquiridos.

O questionário SDQ-Autorrelato (11-17 anos) é constituído por 25 itens, distribuídos por 5 subescalas: sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os pares e comportamento pró-social, numa escala de likert de 3 pontos (0 = "não é verdade"; 1 = "é um pouco verdade"; 2 = "é muito verdade"). O SDQ Autorrelato terá como objetivo identificar os problemas emocionais e comportamentais nos adolescentes.

O questionário EMBU-Adolescentes (11-16 anos) é constituído por 48 itens, sendo que os itens são apresentados numa escala de tipo -Likert de quatro pontos: (1) Não, nunca; (2) Sim, ocasionalmente; (3) Sim, frequentemente; e (4) Sim, a maior parte do tempo. Este questionário avalia 3 dimensões: Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo, e tem como objetivo avaliar a perceção dos adolescentes relativamente às práticas parentais em relação ao pai e à mãe, separadamente.

Como referido acima, no total, a aplicação dos instrumentos terá como duração cerca de 20 minutos.

Agradeço antecipadamente a atenção disponibilizada e fico a aguardar resposta à presente solicitação.

Com os melhores cumprimentos,  
Catarina Monteiro  
Contactos:  
[33547@ufp.edu.pt](mailto:33547@ufp.edu.pt)  
918818324



**Agrupamento Escolas Castelo de Paiva** <direcao@aecpaiva.pt>  
para mim ▾

09/06/2021, 16:06 ★ ↶ ⋮

Boa tarde, Catarina!

Informo que autorizo a aplicação do questionário .

Para agilizar o processo, e se assim o entender, pode enviar o pedido de autorização para a direcção deste AE, com o número exato de impressões, a ser enviado aos Encarregados de Educação. Poderemos fazê-los chegar por intermédio dos alunos.

A Diretora do AIECP,  
*Beatriz Rodrigues*

**Anexo 5**  
**(Carta aos Pais)**



## **Apresentação do estudo e pedido de consentimento informado aos Encarregados de Educação**

Caro(a) Encarregado de Educação,

Eu, Catarina Vieira Monteiro, no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Fernando Pessoa, encontro-me a realizar um trabalho de investigação, sob a orientação da Professora Doutora Susana Marinho, cujo principal objetivo consiste em perceber de que forma as práticas parentais estão associadas à manifestação de problemas emocionais e comportamentais nos adolescentes.

Uma vez que se trata de um estudo realizado com adolescentes dos 12 aos 16 anos de idade, a escola é um local privilegiado de acesso a esta amostra. Neste sentido solicito a sua autorização para o vosso educando(a) participar nesta investigação.

A participação é voluntária e anónima, consistindo no preenchimento de três questionários breves, demorando cerca de 20 minutos no total. Mais se acrescenta que os objetivos do estudo serão previamente apresentados e que os participantes poderão, em qualquer momento, desistir de colaborar se assim o desejarem.

Comprometemo-nos a salvaguardar os interesses dos participantes, assegurando uma rigorosa confidencialidade da informação recolhida; assim como os dados somente serão usados para fins académicos. Para tal solicitamos o preenchimento e assinatura do Consentimento Informado em anexo. Informo ainda que me encontro ao dispor para qualquer esclarecimento adicional.

Agradeço a sua atenção.

Catarina Monteiro

Contacto: [33547@ufp.edu.pt](mailto:33547@ufp.edu.pt)

918818324

## **Anexo 6**

**(Declaração de Consentimento Informado)**

# DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**Designação do Estudo (em português):**

Práticas Parentais e Problemas emocionais e do Comportamento:  
A perspectiva de adolescentes

**Eu, abaixo-assinado (nome completo) \_\_\_\_\_,**

**responsável pelo participante no projecto (nome completo) \_\_\_\_\_,**

\_\_\_\_\_ , compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20\_\_

**Assinatura do Responsável pelo participante no projecto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:** Catarina Vieira Monteiro

**Assinatura:** Catarina Monteiro

**Anexo 7**  
**(Questionário Sociodemográfico)**

## **Apresentação do estudo**

Neste estudo gostaríamos de saber a tua opinião acerca dos comportamentos dos teus pais em relação a ti e perceber se existe alguma relação com problemas emocionais e comportamentais que poderão surgir.

Para que tal seja possível, necessito da tua colaboração!

A tua participação é voluntária e, em qualquer momento, poderás desistir de colaborar, se assim o desejares. Todavia o teu contributo é da maior importância para o sucesso desta investigação.

A tarefa consiste em preencheres os questionários que se seguem tendo em conta as instruções que acompanham cada um deles.

Não se tratam de testes, por isso não há respostas certas nem erradas. Procura ser o mais sincero(a) possível nas tuas respostas.

Os questionários são anónimos, não tens que escrever o teu nome em lado nenhum, e confidenciais, mais ninguém terá acesso a eles.

No fim, antes de entregares, confirma se respondeste a todas as questões, incluindo o preenchimento dos dados nesta folha.

**OBRIGADA** pela tua colaboração!

## Questionário Sociodemográfico

Código: \_\_\_\_\_

**1. Sexo**

Masculino     Feminino

**2. Idade** \_\_\_\_\_

**3. Ano de escolaridade**

7º ano    8º ano    9º ano    10º ano

**4. Com quem vives habitualmente?**

Só com os pais (pai e mãe) e/ou irmãos

Outros: \_\_\_\_\_

**5. Estado civil dos pais**

Casados/vivem juntos

Solteiros

Separados/divorciados/viúvos

Nunca viveram juntos

**6. Tens irmãos?**

Sim    Não

Se sim, quantos? \_\_\_\_\_

**7. Pai**

Idade do pai: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Situação profissional do pai: \_\_\_\_\_

**8. Mãe**

Idade da mãe: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Situação profissional da mãe: \_\_\_\_\_

**Obrigada pela tua participação!**

## **Anexo 8**

**(Instrumento: EMBU-A)**

## EMBU – A

Autores: Gerlsma, Arrindel, Van Der Veen e Emmelkamp (1991)

Adaptado por Lacerda (2004)

Idade \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_

Escola \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

Gostávamos de saber a tua opinião acerca dos comportamentos dos teus pais em relação a ti.

Lê cuidadosamente as perguntas e considera a resposta que melhor se aplica ao teu caso. Responde separadamente colocando para cada questão um **X** num dos quadrados em frente ao **Pai** para avaliar o comportamento do teu pai e outra **X** num dos quadrados em frente a **Mãe** para avaliar o comportamento da tua mãe.

Indica apenas se:

Vives com ambos os pais: Sim  Não

Vives só com a mãe: Sim  Não

Vives só com o pai: Sim  Não

Os teus pais estão divorciados: Sim  Não

Outras situações não especificadas \_\_\_\_\_

**Este questionário é confidencial.**

**Obrigada pela tua participação.**

## EMBU-A

(1) Sim, a maior parte do tempo; (2) Sim, frequentemente; (3) Sim, ocasionalmente; (4) Não, nunca

|                                                                                                                                            |     | (1)                      | (2)                      | (3)                      | (4)                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?                                                                                            | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Os teus pais demonstram que gostam de ti?                                                                                               | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Os teus pais gostariam que fosses diferente?                                                                                            | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?                             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?                                                                                    | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçares para ires mais longe na vida?                                                          | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Pensas que os teus pais gostariam que fosses diferente?                                                                                 | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais?                                                | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Os teus pais abraçam-te?                                                                                                                | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Achas que os teus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?                                                              | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?                                                           | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Os teus pais proibem-te de fazeres coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa? | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?                                                                                | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. Os teus pais preocupam-se com o que tu fazes depois das aulas?                                                                         | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. Se a tua vida não corre bem, os teus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?                                                             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16. Os teus pais castigam-te mais do que tu mereces?                                                                                       | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que comesças a sentir-te culpado?                             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                            | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18. Os teus pais mostram interesse pelas tuas notas escolares?                                                                             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

|                                                                                                                                                                             |     |                          |                          |                          |                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres que fazer alguma coisa difícil?                                                                                            | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20. Os teus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?                                                                                                                | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21. Sentes que os teus pais gostam de ti?                                                                                                                                   | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?                                                                                                                   | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23. Os teus pais demonstram claramente que gostam de ti?                                                                                                                    | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 24. Pensas que os teus pais têm a tua opinião em consideração?                                                                                                              | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?                                                                                                                        | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?                                                                                                              | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 27. Tens que dizer aos teus pais o que estiveste a fazer quando chegas a casa?                                                                                              | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 28. Sentes que os teus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (por exemplo, através de livros, excursões, etc.) | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 29. Os teus pais elogiam-te?                                                                                                                                                | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?                                                                                           | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.?                                                         | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?                                                                                             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fizeste nada de errado?                                                                                                   | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?                                                     | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?                                                                                                                   | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 36. Os teus pais aceitam-te tal como tu és?                                                                                                                                 | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?                                                                                                 | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                                                                                                             | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

|                                                                                          |     |                          |                          |                          |                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 38. Os teus pais castigam-te muito, mesmo por coisas sem importância?                    | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?                                     | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer? | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 41. Os teus pais batem-te?                                                               | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 42. Os teus pais tratam-te de maneira que te sentes inferiorizado?                       | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?           | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 44. Achas que tu e o teu pai/mãe gostam uns dos outros?                                  | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferente da deles?                  | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 46. Se fazes uma coisa bem feita, sentes que os teus pais têm orgulho em ti?             | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?                                   | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 48. Sentes que os teus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?      | Pai | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|                                                                                          | Mãe | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

**Anexo 9**  
**(Instrumento: SDQ-A)**

Instruções: Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas marca, com uma cruz, um dos seguintes quadrados: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responderes a todas as afirmações o melhor que puderes, mesmo que não tenhas a certeza absoluta ou que a afirmação te pareça estranha. Por favor, responde baseando-te na forma como as coisas te têm corrido nos últimos seis meses.

Masculino/Feminino

|                                                                           | Não é verdade            | É um pouco verdade       | É muito verdade          |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Tento ser simpático/a com as outras pessoas. Preocupo-me com o que sentem | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Sou irrequieto/a, não consigo ficar quieto/a muito tempo                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vômitos                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Gosto de partilhar com os outros (comida, jogos, esferográficas, etc.)    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes                                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Estou quase sempre sozinho/a, jogo sozinho/a. Sou reservado/a             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Normalmente faço o que me mandam                                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Preocupo-me muito                                                         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Gosto de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Não sossego, estou sempre a mexer as pernas ou as mãos                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Tenho pelo menos um bom amigo/uma boa amiga                               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ando sempre á pancada. Consigo obrigar os outros a fazer o que eu quero   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ando muitas vezes triste, desanimado/a ou a chorar                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Os meus colegas geralmente gostam de mim                                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Estou sempre distraído/a. Tenho dificuldades em me concentrar             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Fico nervoso/a em situações novas. Facilmente fico inseguro/a             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Sou simpático/a para os mais pequenos                                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Sou muitas vezes acusado/a de mentir ou enganar                           | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As outras crianças ou jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Gosto de ajudar os outros (pais, professores ou outros jovens)            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Penso nas coisas antes de as fazer                                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Tiro coisas que não são minhas, em casa, na escola ou noutros sítios      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Tenho muitos medos, assusto-me facilmente                                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Geralmente acabo o que começo. Tenho uma boa atenção                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Tens algum outro comentário ou preocupação? Descreve.

**Por favor, vira a folha - há mais algumas questões no outro lado**

Em geral, pensas que tens dificuldades numa ou mais das seguintes áreas:  
emoções, concentração, comportamento ou em dares-te com outras pessoas?

| Não                      | Sim-<br>dificuldades<br>pequenas | Sim-<br>dificuldades<br>grandes | Sim-<br>dificuldades<br>muito grandes |
|--------------------------|----------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>         | <input type="checkbox"/>        | <input type="checkbox"/>              |

Se respondeste "Sim", por favor responde às seguintes questões sobre essas dificuldades:

- Há quanto tempo existem essas dificuldades?

| Menos de<br>1 mês        | 1-5<br>meses             | 6-12<br>meses            | Mais de<br>1 ano         |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- Essas dificuldades incomodam-te ou fazem-te sofrer?

| Nada                     | Pouco                    | Muito                    | Muitíssimo               |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- Essas dificuldades perturbam o teu dia-a-dia nas seguintes áreas?

|                                    | Nada                     | Pouco                    | Muito                    | Muitíssimo               |
|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| EM CASA                            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| COM OS AMIGOS                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| NA APRENDIZAGEM NA ESCOLA          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| NAS BRINCADEIRAS/<br>TEMPOS LIVRES | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- Essas dificuldades são um problema para os que estão à tua volta (família, amigos, professores, etc.)?

| Nada                     | Pouco                    | Muito                    | Muitíssimo               |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Data .....

**Muito obrigado pela tua ajuda**